

Diário de Lisboa

Numero avulso: 40 CENTAVOS
 Editor—JOÃO CHRYSOSTOMO DE SA
 ADMINISTRAÇÃO—Rua da Rosa, 57, 2.º
 Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
 Redacção, composição e impressão
 RUA LUZ SORIANO, 44
 TELEFONES—2 0271, 2 0272 e 2 0273

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSAO DE CENSURA

E' NO proximo domingo, 6, pelas 15 horas que no edificio do Liceu do Carmo (secção do Liceu de Passos Manuel) se realiza a cerimonia da inauguração de uma lapide que commemora o facto de num edificio que no seculo XIII ali se erguia funcionou o primeiro Estudo da Universidade de Lisboa (1290). O sr. Matos Sequeira, da direcção do Grupo «Amigos de Lisboa», que tomou a iniciativa da colocação da lapide, fará uma comunicação sobre o assunto, e que é esperada com grande interesse.

Como já dissemos, foi aquele escritor e investigador quem descobriu na Torre do Tombo, ha poucas semanas, documentos que resolveram o problema que perdurava acêrca do primeiro local onde D. Diniz fez instalar os Estudos Gerais.

* * *

GABRIEL D'Annunzio, numa carta que dirigiu ha tempos ao ministro da Educação Nacional italiano, declarou-se contrario ao cinema falado.

Segundo entendia, o silencio é a sua razão de ser, o seu titulo de nobreza. O cinema falado parecia-lhe qualquer coisa de artificioso, contrario á imagem e á emoção que o animam.

Gabriel D'Annunzio talvez quisesse assim demonstrar que a palavra humana só é expressiva, quando traz o calor do instante em que se produz, o que, a ser verdade, demoliria, sem remedio, toda a literatura.

* * *

E SCREVEM-NOS o seguinte:

«A Camara Municipal de Lisboa expede, aos seus contribuintes, postais informando-os de acções pendentes que os mesmos têm naquella Camara; esses postais trazem, bem legivel, o carimbo «Isento de Franquia». Ora acontece que esses postais ao serem entregues, vêm sempre multados na importância de \$50.

Pergunta-se: haverá ou não haverá direito a esta multa? Será isto uma má interpretação dos Serviços dos Correios ou desconhecerá a Camara a lei que se relaciona com este facto?».

* * *

OS Estados Unidos contam poder mobilizar, em quatro meses, 1.250.000 homens. Em comparação com os vinte milhões de Chang-Kai-Shek. é uma gota de agua no Oceano. Resta saber se, no dia em que os exercitos se tornarem indispensaveis para o ajustamento de velhas contas, as massas enormes não constituirão um obstaculo para as acções decisivas.

* * *

PEDIMOS ás pessoas que nos escrevem o favor de assinar as suas cartas, aliás não as podemos publicar nem sequer comentar. O conteúdo das cartas depende principalmente do valor do nome que afoitamente lhes dá o ser. E' por esse motivo que as cartas anonimas deixam um traço negro, inapagavel, na mão que as fabrica e expede.

Serenidade

Ha muito gente incapaz de entender e sentir o valor da poesia. Da poesia dos poetas e dos poemas, e da secreta, a profunda, a imarcessivel, embora ás vezes dolorosa e tragica, poesia da vida. Tenho dó, tenho verdadeira piedade dessa gente. Desprez-a, não a desprezo, mas quasi. E não a desprezo, em suma, porque sei quanto perdem tão frias e moles criaturas fechando, voluntaria ou involuntariamente, os olhos, a intelligencia e o coração ás inumeras sugestões e visões de beleza, de entusiasmo e de alegria que dispensa a fé num mundo transfigurador do nosso mundo habitual. Mundo em que nascem e medram as mais puras certezas, os mais perduraveis estímulos, os mais altos incentivos do esforço e de trabalhos humanos.

Os idealistas sinceros compensam-nos, porém, dessa estranha e viscosa preguiça de sonhar. Ouvi-os ou lê-los retempera e consola. Sobretudo, se atingiram aquella paz interior onde constantemente brilha a luz firme da convicção na bondade, na grandeza, na harmonia da existencia. Mesmo se deles duvidamos, sempre alguma claridade se recebe do seu ardente convívio. Fragil e efemera que pareça, nunca se esvai, nunca se apaga inteiramente a lembrança da presença encantadora.

O poeta brasileiro Osorio Dutra, que merecia ser melhor conhecido entre nós, traz na alma essa dávida do céu, essa virtude solar:—espargir comunicativa ternura e crença absoluta na essencia nobre e exaltante do universo das cousas e das almas. O seu lirismo, como todo o autentico lirismo, inclui uma inspiração e uma norma de character espiritual, senão moral. Passe o valor dum conselho, e a irradiação dum facho guiador. E se o ultimo livro de Osorio Dutra se intitula «Serenidade», é porque não só exprime e revela, em estrotes da singular e penetrante melodia, essa culminancia de attitude intima, mas ainda porque sabe incitá-la e mantê-la na deslumbrada simpatia dos leitores. «Bendita seja esta ventura calma», exclama o poeta, que dissera antes: «escreve como quem reza—serás o interprete da vida». E isto que, porventura se julgaria ontem um conceito singelo, ganha hoje a vibração excepcional dum grito de difficil conquista. A conquista da plena aceitação das maguas e miserias que nos rodeiam e ferem, para a transcender num extase inefavel de confiança, de indulgência, de amor insofrido e amplo. O homem futuro, que sonha Osorio Dutra, O homem da America «será bom, será sabio», será «limpida e fulva estrela humana—com as finas pontas mergulhadas—na chispa de todas as raças», e será «a caudal e a vertigem—de todos os tipos de sangue—que golpeiam as veias do mundo». Um homem fraterno a todos os homens, uma sintese total de anseios e vontades, de impetos, vitorias e realizações construtivas.

Através dos crispantes, dos angustiosos desvaios e lutas da nossa epoca, Osorio Dutra oferece-nos uma palavra de esperança. contida em ritmos discretos, abrigada em vestes de perfeição desataviada, repercutida em ecos de rara e delicada emoção. O seu livro ultrapassa o âmbito da poesia corrente. Refulge em centelhas e em labaredas de ideal que nos tecem em volta o halo das canduras redentoras e das verdades que não podem e não querem morrer.

JOÃO DE BARROS

DO nosso querido amigo sr. Antonio de Medeiros e Almeida, representante das industrias Morris em Portugal, recebemos a seguinte carta, a proposito da idéa de lhe ser prestada uma homenagem publica que consagrasse o exito que obteve com a exposição recentemente realizada na Sociedade Nacional de Belas Artes:

«Sr. director:—Estranhei muito a noticia ontem publicada no seu conceituado jornal, acêrca da intenção de me ser prestada uma homenagem. Fico sensibilizadissimo com a idéa dos amigos que tiveram tal iniciativa e com as gentilissimas palavras do «Diario de Lisboa». Mas peço-lhes licença para não aceitar tal homenagem, por entender que não a mereço, de forma alguma. Se o meu esforço era digno de qualquer premio, ficou já sobejamente recompensado com as numerosas e inequivocas provas de consideração e de interesse que tive o comovido prazer de registar durante a exposição.—Seu amigo certo—Antonio de Medeiros e Almeida».

* * *

A FOLHA oficial publica o decreto que estabelece as normas minimas a que, tecnicamente, devem obedecer os postos particulares de radio-difusão, considerando que as suas emissões estão longe de alcançar uma reprodução de boa qualidade, que os postos não correspondem ás possibilidades tecnicas, e que os radio-ouvintes estão em regra sujeitos a interferencias causadas pelos postos particulares.

São criadas duas categorias de estações e estabelecidos novos horarios.

* * *

O SR. ministro do Interior autorizou a Santa Casa da Misericórdia da Murtosa a aceitar o legado e o remanescente da herança que lhe fôram deixados em testamento pelo benemerito Joaquim Antonio Soares.

Satisfaz-se assim, e em ultima instancia, o desejo expresso tão ardentemente em vida por aquele nosso saudoso amigo e exemplar cidadão, que á sua terra natal votou as ultimas preocupações do seu espirito.

* * *

A PARECEU á venda «O Eterno Mrido», romance de Dostoiewski, tradução de Campos Lima e edição de Guimarães & C.ª. Eis uma obra que, a-pesar-de antiga, parece escrita ontem. O seu autor via o homem, não como o viajante que mal se demora nos hotéis, mas como um inocente que, em todas as aventuras em que se mete, deixa sempre um pouco da sua confiança na vida.

* * *

FOI publicada a lista das comissões de professores universitarios e liceais que são encarregados de organizar os pontos das provas escritas dos exames de admissão (1938-1939) para a matricula nas Universidades de Coimbra, Lisboa e Porto. Cada comissão é de três professores para cada um dos nove grupos.

MUSICA

Orquestra Filarmonica de Lisboa

Foi fixado para o dia 30 deste mês o novo concerto da Orquestra Filarmonica de Lisboa, da direcção do dr. Ivo Cruz.

Esta orquestra que em cada novo concerto assinala notáveis progressos, fará ouvir um programa bastante interessante, em que estão incluídos o celebre «concerto em mi maior» de Bach para violino, e que terá como solista o conhecido artista René Bohet; os maravilhosos «preludios», de Liszt, inspirados nas «Meditações poéticas», de Lamartine e cujas sonoridades de alguma maneira impressionaram o grande Wagner. Estas encantadoras paginas de tão magistral arquitectura foram ha anos dansadas em S. Carlos pela genial Pawlova.

Completa o programa um «andante» de Francine Benoit, primeira audição e a grande 4.ª sinfonia de Tchaikowsky, que sendo uma das obras mais definitivas do glorioso mestre russo, tão raramente é executada em Portugal. E' desta sinfonia que faz parte o interessantissimo «scherzo» com «píscato obstinado».

Enfim, mais um concerto em que o dr. Ivo Cruz terá enredo de confirmar os consecutivos progressos do seu homogeneo conjunto orquestral, e manifestar mais uma vez a sua grande competência de regente.

«Serrana» de Alfredo Keil

A Sociedade Nacional de Musica de Camara, colectividade que ha perto de vinte anos trabalha pelo desenvolvimento e engrandecimento da musica em Portugal, tendo-nos dado, nos seus 134 concertos as melhores obras do genero e corais como as celebres «Misa Solemne», de Beethoven e «Beatitudes», de Cesar Franck, vai agora, em homenagem ao glorioso compositor Alfredo Keil, apresentar ao publico da capital a sua obra-prima «Serrana», drama lirico em 3 actos com texto português de Lopes de Mendonça. Esta opera, que ha cerca de trinta anos não é cantada na nossa lingua, vai ser interpretada pelos cantores Elsa Levy, José Rosa, Armando Saraiva, Mota Pereira, Alfredo Henriques e Guilherme Kjolner. A direcção da opera está a cargo do maestro Fernando Cabral, que dirigiu em Lisboa e Porto as obras corais acima citadas, com grande exito, e os coros de amadores estão a ser ensaiados pelo maestro Manuel de Oliveira.

«Belkiss», de Rui Coelho

Depois de largo periodo de afastamento, reaparece em breve o distinto amador lirico Manuel Margulhão Junior, que no elevado intuito de fazer ressurgir a arte lirica portuguesa e prestando homenagem a Rui Coelho, vai por simples amor ao bem voltar a desempenhar a encantadora personagem do velho sacerdote «Zophezanine», que criou em S. Carlos, nas primeiras representações da inspirada opera «Belkiss». Pela privilegiada figura, pela voz de grande volume e pela musicalidade, o grande interprete que é o baixo Margulhão irá dar á opera «Belkiss», nos dois espectáculos que se realizam já na proxima semana no Coliseu, uma colaboração notavel.

A missão militar inglesa

ofereceu hoje um almoço á missão portuguesa

Numa sala do Aviz-Hotel, realizou-se hoje, ás 13 horas, o almoço oferecido pela missão militar inglesa aos officiaes portugueses que com ela estão trabalhando.

A mesa encontrava-se lindamente decorada com camélias. Presidiu o sr. almirante Woodhouse, que dava a direita aos srs. brigadeiro Miranda Cabral, Bateman, tenente-coronel Esmeraldo Carvalhais, coronel Daly, major Pina Cabral, major Jayne, capitão Pereira Leite e tenente Webb, e a esquerda aos srs. capitão de mar e guerra Botelho de Sousa, capitão Field, tenente-coronel Antonio de Sousa Main, conselheiro geral King, comandante José Cabral, comandante Chamberlayne, capitão Gonçalo Pereira Coutinho e Hogg.

No final, trocaram-se afectuosos brindes. Amanhã, ás 15 horas, as duas missões continuarão os seus trabalhos, no palacio da Assembléa Nacional.

PEDRO SOARES

Calista

SALÃO VENESA

Rua do Ouro, 170, 1.º — Telefone 26972

Metal distendido



PARA CIMENTO ARMADO
Tabiques, tatos, etc.

CASA LINO

Rua Bacalhaoes, 113 — Telef. 21374 — LISBOA

TEMAS EDUCATIVOS

Formar homens

O fim da familia não é dar escravos ao Estado, mas sim formar homens, capazes de defenderem a liberdade da sua consciencia.

A familia primeiro, depois o Estado. Se a familia não foi bem constituída e moralmente bem organizada não poderá ser util ao Estado.

Viciada pela anarquia do seu ambiente, onde não aprendeu respeito, obediencia, consideração, amor, devoção, etc., não tendo estes sentimentos vinculados no seu caracter como os poderá dar ou transmitir aos outros?

Para que a familia seja util ao Estado é preciso que o Estado respeite, ampare, proteja e ajude a educar a familia.

Para sanear bem o ambiente social, arredar-lhe todos os vicios e aberrações morais, formar homens uteis á Nação, terá o Estado de empreender uma propaganda activa e sequente junto dos pais e das mães. E' preciso mostrar-lhes com palavras simples e elucidativas—em palavras onde os seus deveres sejam claramente projectados e compreendidos—a maneira eficaz de se conduzirem como guias e educadores dos filhos.

O Estado pretende criar mais escolas, modernizá-las, dar-lhes condições higienicas, etc., mas de que serve á escola todo um trabalho árduo, carinhoso e paciente de professores, se a criança, ao regressar a casa, encontrar anarquia, vicios—ou vamos lá—samente desconforto moral?

A educação dos filhos é feita indistintamente segundo a tradição, num jeito primitivo, sem se atender ao descalabro moral da vida, ao veneno infiltrado no ambiente familiar, que se respira, que se mastiga, que se ta-teia desde o berço.

A familia não é, como muitos erradamente pretendem, um obstaculo á prosperidade do mundo. A sã constituição da familia é, pelo contrario, o bom alicerce, a raiz sagrada e fructificadora da humanidade. Nela nascem e se santificam todos os sentimentos affectivos, piedosos!

Na criança, primeiro que a civilização dos costumes, ha que pensar no desenvolvimento das virtudes morais. Estas são a base de toda uma vida.

A familia para a criança não é apenas uma utilidade material; se assim fosse, então, poderia ser dispensavel á formação do homem. Ela é precisa para formar almas e a alma deve contar em primeiro lugar—o corpo deve andar ao serviço da alma e não a alma ao serviço do corpo.

A escola infantil deveria contar como uma instituição complementar da familia. Pais e professores deveriam

estabelecer contacto para que se fizesse um conhecimento perfeito dos caracteres das crianças, facilitando assim, a sua correcção e o seu aperfeiçoamento.

Pelo que dissemos se verifica a necessidade de pais esclarecidos, que possam continuar a acção da escola, e de professores, que possam prolongar e avigorar a acção da familia.

Formar homens, finalmente, não é uma tarefa facil.

Abrindo os olhos inocentes ante a fogueira de ambições que assola o mundo, a criança carece hoje de maior cuidado, de mais amor, de maior carinho. E' preciso furtá-la ao contagio desmoralizador desta época de loucas ideologias, de actividades vertiginosas e sacrilegas onde se subvertem crenças, amor e piedade!

Já se pensou do descalabro moral, no desconforto material consequente do divorcio, legal ou simplesmente moral, entre o pai e a mãe?

Pois poderíamos afirmar que os mesmos inconvenientes advêm do desentendimento entre a escola e a familia.

A familia, segundo Pio XI, é o meio natural e necessario da educação do homem.

Ha sentimentos de ternura na vida de uma alma que só uma mãe pode e sabe inspirar. Mas quantas cousas uma mãe precisa saber para ser uma boa condutora de almas!

Não basta ser boa, carinhosa—não é só o corpo que precisa de cuidados, a alma requer ainda maior vigilancia.

Não se formam caracteres olhando apenas pela saúde do corpo, é necessario atender, vigiar a saúde do espirito.

Dentro de corpos robustos existem espiritos bons e espiritos maus, espiritos sãos e espiritos doentes.

A formação do caracter não requer só bom senso do educador, ela tem tantos elementos naturais a aproveitar, tantas tendencias de que fugir, que necessario se torna educar e elucidar os educadores.

A influencia do pai e da mãe é grande, é profunda, vem desde a hereditariedade e segue com a inconsciente pratica dos seus habitos, marcando depois toda a individualidade do homem.

Para formar caracteres livres e responsaveis, criar no homem uma individualidade forte, dominadora dos seus vicios e tendencias atávicas, dar-lhe uma saúde moral viril e criadora é preciso uma obra verdadeiramente revolucionaria que só o Estado pode fazer: educar os educadores!

JUDITH TEIXEIRA

Trucidado pelo combolo

BARREIRO, 3. — (Pelo telefone). — Hoje, ás dez horas, entre Barreiro A e Lavradio, em frente ao bairro das Palmeiras, foi colhido pelo combolo 1.004 um individuo que ficou com o corpo trucidado e teve morte instantanea. O cadaver, que ainda não foi identificado, parece ser dum rapaz de aproximadamente vinte anos.

MOBILIAS DA GRANJA

TAPETES E ESTOFOS. OS MAIS BELOS MODELOS POR PREÇOS QUE NÃO ADMITEM COMPARAÇÃO EXPOSIÇÕES PERMANENTES. Calçada do Sacramento, 6 (ao Chiado) — LISBOA

Cena de tiros

Deu entrada, em estado grave, no hospital de S. José, Margarida Pais Costa, de 22 anos, moradora na rua da Quintinha, 64. 3.ª, que foi agredida com um tiro no ventre pelo «chauffeur» Manuel Pimenta.

Aquela mulher tinha dado um passeio no carro do agressor. Entre ambos estabeleceu-se, no regresso, uma discussão violenta. A certa altura, quando passavam na rua de S. Bento, o Pimenta sacou de uma pistola e desfechou á queimada sobre a Margarida, atingindo-a com um tiro no ventre.

PASTELARIA FERRARI

Almoços, lanches e buffets



AERO-PORTUGUESA

33, R. do Alecrim, 2.º — Telef. 2 3371

Partida aos domingos, ás 8 e 15

PORTUGAL-AMERICA DO SUL em 48 horas

Entrega das correspondencias para: MARROCOS, AFRICA OCIDENTAL FRANCESA GUINE PORTUGUESA E FRANCESA; LIBERIA, COSTA DO MARFIM E DO OURO E AMERICA DO SUL na CENTRAL DOS CORREIOS (Rua do Arsenal).

até ás 6 horas da manhã de DOMINGO

PASSAGEIROS para Marrocos, Africa Ocidental Francesa, Europa, etc.
MERCADORIAS para Marrocos, Africa Ocidental Francesa e America do Sul.

Informações: Wagons-lits || Cook — Agencia Havas — Turismo de Portugal

Higienização do leite

Varias têm sido as campanhas iniciadas sobre o problema da higienização do leite, sem que no entanto tenham até agora assumido o aspecto de continuidade indispensavel, quanto a nós, para que do agitar do assunto algo resulte de proveitoso.

São gritos de alarme que se perdem no campo das cousas estereis, por lhes faltar o apoio duma propaganda consistente e que leve ao tomar de medidas de ordem de saneamento que ponham a saúde do consumidor do precioso alimento ao abrigo de surpresas desagradaveis que são inumeras vezes, sobretudo na classe infantil, de natureza irreparavel.

A resolução do problema apresenta, sem sombra de duvida, algumas dificuldades. Mas não ha dificuldades que se não vençam, uma vez que se despendam esforços que vizem esse objectivo.

Porquê, pois, não encarar a questão a serio e não pôr cobro, por processos que sejam simultaneamente praticos, uteis e economicos, a um estado de cousas que não pode de maneira alguma dignificar-nos?

Estas breves considerações vêm a proposito dum ligeiro artigo que vimos publicado na «Gazeta das Aldeias» e de que transcrevemos, com a devida vénia, os seguintes periodos:

«A filtração do leite obedece a uma necessidade imperiosa, e, para nos convencermos de tal, basta proceder á análise do leite obtido na vacaria ou quando entregue para consumo e ainda quando fornecido ás industrias de laticínios,—fabricas de queijos, manteigas, etc. O resultado dessa análise é qualquer coisa de espantoso e não é facil imaginar a quantidade de impurezas contidas no leite. Nalguns países, os poderes publicos, conhecedores deste facto, tornaram obrigatoria a filtração do leite; em outros países, essa filtração faz-se duma maneira geral. Citaremos, entre outros, a Holanda, a Suíça, a Alemanha e o Grão-Ducado de Luxemburgo».

A operação de filtração, principalmente na origem—não a filtração por meio do simples passador de rede de arame, bem entendido, mas a que envolve o emprego de filtros especiais,—apresenta realmente as vantagens a que alude o articulista? A ser assim, porque se não generaliza, por disposição official, semelhante processo de higienização do leite, que julgamos não ser muito dispendioso?

O encargo da aquisição do filtro e sua manutenção em serviço não será de assustar. Parece ser, ao contrario, o mais concorde com as possibilidades dos produtores de leite, que são, na sua maioria, de condição mais que modesta, facto este que também não pode nem deve ser esquecido.

Os dirigentes da «Juventude alemã», visitaram hoje Setubal

O sr. Hartmann Lauterbacher, adjunto de Baldur von Schirach, chefe da «Juventude Alemã», acompanhado pelo seu adjunto e por diversas entidades da «Mocidade Portuguesa» e da colonia alemã, visitou hoje Azeitão, Arrabida e Setubal, almoçando nesta ultima localidade.

Amanhã, ao meio-dia, realizar-se-á uma visita ao centro especial da aviação com motor; ás 16 horas haverá uma sessão cinematografica no Central; e ás 21 horas será oferecido um banquete, pelo Commissariado da «Mocidade Portuguesa». Depois de amanhã, ás 9 horas, haverá visita aos centros de instrução geral e officinas para a construção de planadores; ás 16, uma visita ao centro especial de esgrima; ás 17, visita a um centro extra-escolar; e ás 21, um banquete na legação da Alemanha. No proximo domingo, o dirigente da «Juventude Alemã» irá a Sintra, onde almoçará, assistindo ás 15 horas a uma festa para lançamento de quatro «yoles» no centro especial de remo e visitando ás 17 o centro especial de vela. E na segunda-feira o sr. Lauterbacher e o seu adjunto partirão para Salamanca, em missão official, no avião das carreiras da «Lufthansa».

O «Harting», foi desencalhado

VILA REAL DE SANTO ANTONIO, 2. — O vapor sueco «Harting», de 1.700 toneladas, que, conforme noticiámos, quando demandava a barra, no baixo de oeste, devido ao forte temporal encalhou, depois de aliviar 200 toneladas de minério, foi desencalhado pelo navio «Walskyria», da praça de Lisboa. Amanhã vem para este porto, para ser vistoriado e sofrer leves reparações, a fim seguir viagem para Inglaterra.

CONFERENCIAS

O capitão de artilharia sr. Rui da Cunha realiza hoje, ás 21 horas, na Emissora Nacional, uma palestra do ciclo «Defesa do Imperio», patrocinado pela revista «Defesa Nacional». Intitulase a palestra «A Artilharia na Offensiva».

—O sr. Warnier realiza amanhã, ás 15 e 30, no Liceu de Pedro Nunes, a sua terceira lição sobre «Les reactions esthétiques: Symbolisme; Anatole France».

TEATROS E CINEMAS

Imagem do dia

«A Rosa do Adro» entra, no segundo mês de exibição. Um êxito? Mais do que isso: um assinalado triunfo, que diz das qualidades desse grande espectáculo popular. Quantas vezes se não pediu cinema para o povo, não cinema grosseiro ou especulativo, mas de alma e emoção nacionais, que ele sentisse, e que o servisse moralmente? «Rosa do Adro» responde, cabalmente, à interrogação feita. Filme de paixão de sentimento, de alegria, de heroísmo, de aventura, e de saudade, cuja acção perpassa e se despedaça através dos prelhos da guerra civil, ela dá-nos em aureola de graça milagrosa, um tipo eterno de amorosa portuguesa, que por assim dizer, se tornou lendaria, vivendo na alma popular.

Mas esta notícia tem uma «notícia». A empresa da Trindade correspondendo ao interesse do público, e para que ninguém deixe de ver, por motivos económicos, a bela obra de Chianca de Garcia, resolveu diminuir, largamente, os preços dos lugares.

Começou, pois, a «segunda volta» d'«A Rosa do Adro», que vai ser tão feliz como a primeira, para glória do cinema português.

Atrás do reposteiro

Intensificaram-se ontem os ensaios, no Variedades dos novos números com que vai ser remodelada a revista deste teatro «Olaré, quem brinca!» para a reaparição de Palmira Bastos, que vai interpretar três números novos, para ela escritos expressamente.

—A novel artista a que em tempos aqui fizemos referencia, aparentada com um dos nossos actores comicos, deve fazer a sua estreia brevemente no teatro musicado.

—A fim de assistirem, amanhã, no Sá da Bandeira do Porto, a estreia da opereta «O Pádal de S. Bento», pela companhia Beatriz Costa, partiram para aquela cidade os empresarios José Loureiro e Antonio de Macedo.

—No almoço realizado ontem, na Esplanada de São Lourenço, em Carnide, vinte e seis elementos do nosso teatro ligeiro reviveram alegremente e de forma pouco vulgar, o antigo «Carnaval dos Actores», que se efectuava na quarta-feira de Cinzas. A festa foi suggestionada pelo escritor Xavier de Magalhães e organizada pelo actor Carlos Leal.

—Começaram hoje, no Apolo, os preparativos para a proxima temporada da nova companhia Nascimento Fernandes, cuja inauguração está fixada para o dia 15 do corrente e cujos trabalhos se iniciam ainda dentro desta semana.

—Parece que um artista plastico, do nosso teatro, ultimamente interessado numa empresa teatral, vai desistir do seu prosseguimento, em virtude dos muitos encargos da mesma.

—Começaram de noite e de dia, no Avenida os ensaios de apuro e de junção da fantasia, de Silva Tavares e Mario Marques, «Rosmaninho», cuja estreia se efectua na proxima semana.

—A pesar do esforço despendido durante os espectaculos do Carnaval, a illustre actriz Maria Matos tem experimentado grandes melhoras nos ultimos dias.

—Erico Braga está já tratando duma nova iniciativa teatral para ser posta em pratica oportunamente.

—Reabre no sabado o Eden-Teatro, apresentando ao publico da capital a interessante inovação da representação de duas revistas na mes-

«A furia do ouro negro», no Tivoli

Trata-se dum grande filme popular e espectacular. Desta vez Mamoulian quasi que abandonou o seu estilo ameno e agradável, dum casto e florido lirismo romantico, embora a obra tenha alguns desses quadros, para nos dar uma pintura, de pincelada larga, rustica e vigorosa, da existencia dos primeiros prospectores americanos de petroleo. Mamoulian é um tipo singular de realizador. Tem características próprias: a paixão da paisagem viva, com fundos de sonho natural, cordas de montanhas que se esfumam, entre neblinas; um estranhado amor pelos animais, que ora surgem, como elementos meramente decorativos, ora como fixação de pitoresco, dentro da acção; e ainda um sagrado respeito pela vida humana. As suas batalhas entre camponeses e mineiros são inercuas. Vê-se que não tem necessidade de cadaveres, para atingir as grandes vibrações de emoção dramatica.

Este filme, deliciosamente retrospectivo, é um fragmento real da descoberta dos primeiros poços de petroleo, em Filadelfia. Ha no seu entrecho dois ritmos: o primeiro, que vai até metade da obra, revela uma certa lentidão. O segundo, é rapido, mesmo vertiginoso, dando um maravilhoso final. Mas tanto um como outro obedecem á boa tecnica cinematografica das imagens.

A vida da fazenda é, admiravelmente, descripta e as figuras, sem redundancias psicologicas, manifestam com simplicidade os seus sentimentos e paixões. Ao lado do fazendeiro rude, teimoso, mas leal, a rapariguinha que se deixa arrebatada por um amor casto e poetico. No dia em que na terra americana, o primeiro jacto de petroleo deflagra—uma imensa e transbordante alegria irrompe do coração dos camponeses. E' o novo «El-Dorado», a riqueza, e

ma noite, uma em cada sessão. As peças apresentadas serão «Chuva de Mulheres» e «Fam-farra», ambas completamente remodeladas e com interessantes e novos motivos de atracção.

—Deve ser tornado publico, dentro de dias, em que teatro vai ser apresentada a revista «Pancada na mola», de Anibal Nazaré, João Nobre e José Rosado.

—Para a companhia que vai interpretar, no Avenida, a revista «Rosmaninho», foi contratada a actriz Constança Maria.

—Os espectaculos monstros, com o gigantesco filme «O Cavaleiro Fantasma» que se estreia amanhã no Coliseu, começam todas as noites ás 20 e 45.

—O actor Luiz de Campos desligou-se da companhia Adelina-Aura Abranches que, dentro de dias, continuará a sua «tournée» pelas provincias.

—Vicente Pineda, jornalista espanhol, actualmente entre nós, representante duma agencia jornalística, hispano-argentina, tem os direitos para Portugal das peças: «La Gallina Clueca», «Caminito Alegre» e «Miente y serás feliz», originaes de Llanderas y Malfatti, e a prioridade sobre as outras peças dos mesmos autores.

Para as traduções das referidas peças e com o acôrdo dos seus autores tem uma combinação com o escritor teatral Lino Ferreira.

«O prisioneiro do Castelo de Zenda», no Odéon e Palacio

Mercia larga e elogiosa referencia este filme que ontem nos deram os cinemas Odéon e Palacio, pela perfeita realização, cheia de interesse e com uma grandeza que atinge o maximo do rigor nas festas duma coroação que não desmerece, em aparato militar e religioso, nem ante aquelas que de Londres chegaram até nós,

tambem uma gigantesca luta de interesses, que vão começar. O vestido branco da noiva, a tal rapariguinha, fica enredado daquelle oleo negro. Dir-se-ia um simbolo. As primeiras manchas sombrias da sua felicidade. O petroleo, porém, conquista tudo, até aqueles sitios edificados de paisagem, onde uma alma sonhou uma casinha rustica, que fosse um ninho de amor. Mamoulian traduziu isto, com inteligencia, obtendo bons efeitos e, por vezes, recorrendo a artificios, para magnetizar a visão do publico. Quis fazer uma obra para as massas, e conseguiu-o.

A segunda parte é, como dissemos, de outro quilate. A luta com os magnates das companhias ferroviarias, que se querem apoderar dos poços de petroleo, e a construção do «pipe-line», têm, de facto, qualquer coisa de epico. Mamoulian mexe, admiravelmente, as multidões. Contamina-as de entusiasmo. As imagens finais: as lutas entre os trabalhadores, a conquista da montanha, com a sua rede de cordas, e até a intervenção dos artistas dum circo ambulante, com elefantes e palhaços, embora surpreenda, não deixam de ter pitoresco e animação. Quando, enfim, através de centenas de quilómetros, avançado na sua arteria complicada de tubos, o petroleo chega ás refinarias, o espectador compreende, então, perfeitamente, os objectivos do realizador. O publico não resiste áquele contagio humano de alegria. Venceu a tenacidade dum homem, poeta da loucura, contra tudo e contra todos. Ao lado da «Furia do ouro negro», que se pode considerar, repetimo-lo, um autentico filme de multidões, um delicioso documentario sobre a vida das pequenas estrelas de Hollywood, os génios de seis e oito anos, duma discreta emoção, e um interessante jornal de actualidades. — A. P.

através dos jornais e do cinema. E em tudo é realmente uma obra prima de imaginação e representação o filme que nos dá a estranha aventura dum inglês que, indo pescar a um pais estrangeiro, é «pescado» para substituir nas festas da coroação o autentico rei, adormecido por um narcotico, e com o qual guarda perfeita semelhança fisica, devido a certo devaneio dum tetravó. Acontece ao bom inglês apaixonar-se, sendo retribuido, pela princesa que, após a coroação, deve casar com o rei; mas, a noção das circunstancias leva os dois ao sacrificio na hora da libertação de «O prisioneiro do Castelo de Zenda», ou seja o autentico rei, após tremendas lutas em que os inimigos são mortos e postos em debandada.

A representação, repetimos, corre parelha á realização. Em primeiro lugar Ronald Colman, no inglês, talvez o melhor «apel» da sua carreira triumphal de excelente actor; e em segundo lugar, ainda Ronald Colman, no rei sosia do inglês, aparecendo simultaneamente em ambas as encenações, em perfeita combinação, apertando-se as mãos, já bem longe daquelas cenas divididas a que eram obrigadas tais repetições de figura. E, além doutros primeiros actores e actrizes, como Madeleine Carroll, podemos apreciar neste belo filme de John Cromwell—o realizador do «equeno Lord»—o elegante espadachim que é Douglas Fairbanks Junior, representando com a sua característica distincção e batendo-se em duelo vibrante com Ronald Colman.

Para acompanhar tão admiravel super-produção, escolheu a empresa dos cinemas Odéon e Palacio um superior programa de actualidades internacionais, desportivas e musicais, e um prodigioso filme de bonecos animados.—R.

«Traidores», no Central

O cinema alemão, de solidas características, está sendo aproveitado para propaganda da organização germanica e das suas possibilidades. No filme que ontem nos deu o Central, filme de interesse e vigor para o qual forneceram elementos os arquivos militares do Reich, foca-se a doutrina germanica em face da alta traição, expressa esta através duma perturbante aventura de espionagem em que o misterio e o interesse não desfalecem, prendendo o espectador e mantendo-o em vibração até final.

Karl Ritter, o realizador, conduziu a acção com inteligencia e com a classica grandeza germanica, poderosa de tecnica, sábia na utilização da camera. E o desempenho é igualmente de qualidade e confiado a artistas como Willy Birgel, Lidia Barova, Theodor Loos, Rudolf Fernali e Meyerdorf.

Complementos á altura do filme e das tradições do Central.—P.

A grande estreia, amanhã, no Coliseu, do filme «O Cavaleiro Fantasma»

Tem toda a justificação a ansiedade do publico pela estreia, que só é possível realizar-se amanhã, no Coliseu, do colossal filme de aventuras em 30 partes, «O Cavaleiro Fantasma», em que Buck Jones, nos seus lances de audacia, atinge as raias do inacreditavel e em que o entrecho prende e emociona até final. Os preços são popularissimos.

REX-BAR

13, Rua Nova da Trindade, 15

Telefone 2 7391

Esmerado serviço de Mesa e Bar

JANTARES-CONCERTOS

Hoje, das 23 às 23 e 30: Programa radiodifundido pela Emissora Nacional

Salão Luso Artístico

Hoje grandioso programa: é o 1.º dia da moda, no acreditado Luso Artístico. Cantam a consagrada artista Ercilia Costa, Fernanda Amália, Carlos Lourenço, nos seus magníficos fados e tangos e apresentação de um distinto cantor. O Salão Luso, e o mais lindo e ventilado no seu generoso. Rua Nova da Trindade.

Retiro da Severa

Rua Antonio Maria Cardoso, 5

Telefone 2 5979

Hoje ás 21 horas. Noite da moda

Berta Cardoso, Maria do Carmo Torres, Alfredo Duarte (Marceneiro) e Julio Proença.

Orquestra Tipica Algarvia

Jantares a 12\$00 Entrada Franca

Salão Mondego

R. da Barroca, 124—Tel. 2 5676

Rosa Costa, Francisco dos Santos e Manuel Lisboa.—Consumo 1\$35

Olaré, quem brinca!

Variedades

Todas as noites: A's 8 e 30 e 11 horas

Um exito colossal

A Praça da Alegria

MARIA VITORIA

TODAS AS NOITES

A's 8,30 e 11 horas

A Revista Monumental

PROGRAMAS DE HOJE

S. LUIZ 3.ª semana
Um dia nas corridas
com os engraçadissimos
IRMÃOS MAX
A's 21 e 30
Telef. 2 7172 numa super-farça musical

CONDES ULTIMA
Os 3 artilheiros
comedia engraçadissima
com Larquey, Rolland
Fontain, Raymond Cerdy e Yvette Lebon
A's 21 e 30
TEL. 2 1523

TRINDADE
Inauguração duma nova
plateia com comodissimas
poltronas e a preços populares
A's 21 e 30
Telef. 2 0000 **A ROSA DO ADRO**

CAPITOLIO
As Perolas da Corôa
um filme de Sachá Guitry com Zacont
VILGA, VO
Tel. 2 7493 A's 21

TIVOLI
A FURIA DO OURO NEGRO
um filme de Mamoulian com
Irene Dunne e Randolph
Scott
A's 21 e 30
TELEF. 4 0595

ODEON
O Prisioneiro do Castelo de Zenda
super-produção historica de
grande «mise-en-scène» com
A's 21 e 15
Telef. 2 0283

PALACIO
Ronald Colman
Madeleine Carroll
Douglas Fairbanks Jr.
e Mary Astor
A's 21 e 30
Telef. 4 7163

LYS Shirley, soldado da India
O Caçador Branco
Tel. 4 8566

TERRASSE Shirley, soldado da India
Tel. 0917 Charlie Chan na Corrida

ROYAL A Carga da Brigada Ligeira
Doutor Socrates
Telef. 45037 A's 21

POLITEAMA ESTREIA
O ANJO
um filme de Lubitzob
com Marlène Dietrich.
Herbert Marshall, Melvyn
Douglas e Edward G. Robinson
A's 21,15
Telef. 26305

CENTRAL
TRAIDORES
Esquadrilhas de aviões,
esquadrilhas poderosas e
«tanks» potentissimos
A's 21 e 30
Tel. 2 4381

PARIS
A Carga da Brigada Ligeira
com Errol Flynn
Um vencido da vida
Tel. 6 2 30 A's 21 h.

REX Noites de Fogo
com Gaby Morlay e Victor
Francen
Mestre na conquista
Tel. 2 6656 A's 21 e 15

CASINO ESTORIL A's 21 e 30
Chapeu alto

ACADEMIA DAS CIENCIAS

O almirante Gago Coutinho
falou de Henry Harrisse

A sessão de hoje da classe de ciencias da Academia, que começou ás 15 horas, presidiu o sr. professor Pedro José da Cunha.

Foi lembrada a figura de Gabriel d'Annunzio, presidente da Academia Real de Italia, a quem o presidente da sessão e o sr. professor Pereira Forjaz consagraram algumas palavras.

Em seguida, congratulou-se a classe pela eleição do sr. professor Egas Moniz para a Academia de Ferrara.

Os srs. drs. Pereira Forjaz e Charles Lepierre falaram dos centenários de varios químicos, Solvay, Dulong, Lecoq de Boisbandran, Courtois.

Por fim, o sr. almirante Gago Coutinho fez uma interessante comunicação, subordinada ao título: «As obras de Henry Harrisse sobre os descobrimentos». Gago Coutinho demonstrou que o citado autor dá especial importância ás 21 tentativas, quasi todas portuguesas e anteriores a Colombo, tendentes a levarem á descoberta da America. Acompanha a exposição sobre uma carta de Cantino, e acabou oferecendo á biblioteca da Academia a importante obra, que serviu de base ao seu estudo «The discovery of North America» by Henry Harrisse (1892).

Um gato com dois nomes

Encontra-se preso nos calabouços do Tórel um individuo cujo cadastro regista seis prisões por furto. Todas as vezes que é preso dá o nome de Eduardo de Campos e diz-se filho de Eduardo Campos Junior e de Maria da Conceição Junior. Interrogam-no a fundo e, então, muda de nome. Passa a chamar-se Fernando do Carmo Fernandes, filho de José Fernandes Ervilha e Maria do Carmo Fernandes. Quando o agente Mario lhe perguntou agora a razão por que mudava de nome e filiação com tanta facilidade respondeu:

— Quando estou embriagado dou o primeiro nome e quando não estou dou o segundo, que é o verdadeiro.

Agora foi preso por arrombar a montra dum estabelecimento na rua Campo de Ourique, em companhia de outro individuo, que conseguiu fugir.

Cs reis descansam



Os reis da Dinamarca chegaram há dias a Cannes, onde vão passar as suas férias. Em Nice hospeda-se neste momento o rei Gustavo da Suecia, o que demonstra ser a Côte d'Azur o lugar preferido pelos soberanos escandinavos para as suas villegiaturas.

TAPETES PORTUGUESES

Ninguém compre sem visitar a interessante exposição da Casa de Artigos Regionais — Arte e Ménage — Alecrim, 71, 1.º — Telef. 2 0711.

A CORRIDA DOS ARMAMENTOS

O "Livro branco" inglês
comentado pelos jornais de Londres

LONDRES, 3.—A publicação do Livro Branco sobre a defesa nacional, que coincide com a divulgação das previsões orçamentais para a aviação, é largamente comentada pela Imprensa da manhã que considera que aquele documento satisfaz, no seu conjunto. Segundo a opinião dos principais jornais, ele marca os progressos realizados no programa do rearmamento do Governo.

As despesas são excessivas, o que significa que se paga muito caro a paz e a segurança, mas trata-se dum fardo que seria imprudente aliviar. Foi imposto á Grã-Bretanha pelas potencias que primeiro empreenderam a corrida dos armamentos, diz-se em geral.

Os jornais lembram que a Inglaterra se mostrou sempre favorável ao desarmamento progressivo, para o que deu o exemplo, chegando a enfraquecer-se duma maneira perigosa. Como, porém, ninguém seguisse o seu exemplo, a Grã-Bretanha, fará todos os esforços para se conservar á frente da corrida iniciada até que os outros países compreendam que ela está resolvida a garantir a sua segurança.

O «Times» diz: «Sem transtornar a vida normal da nação, tornamo-nos, mesmo nesta época intermediária, um peso formidável que faz pender a balança da Europa contra os fautores das perturbações».

Segundo o mesmo jornal, o Exército do ar «atingiu um nível que não receia nenhuma comparação tanto de baixo do ponto de vista quantitativo como qualitativo». Apenas a defesa anti-aerea não satisfaz completamente.

O «Daily Express» observa que «falta alguma comida» e afirma que «a Grã-Bretanha produz menos generos alimentícios do que em 1914, que os respectivos «stocks» não são maiores e que os meios de transporte diminuíram. Os perigos que ameaçam os transportes são mais graves e ha quatro milhões de bocas a mais para sustentar». Acrescenta que com os 1.500 milhões destinados aos armamentos se poderiam suprimir os casebres, construir as melhores escolas do mundo, assim como as estradas mais seguras e acabar com o escandalo das regiões desherdadas.

O «News Chronicle» revela a «deplorável ineficácia das precauções anti-aereas. Quanto ao resto, o Governo não deve recear nenhuma censura».

O «Daily Mail» diz que a leitura do Livro Branco lhe causou decepção e que «o documento contém provas abundantes dos atrasos acumulados e mostra que ha ainda muito a fazer para recuperar o tempo perdido. A unica satisfação que sente, diz, é a de que «o rearmamento britânico exercerá uma influencia calma nas relações internacionais».—(Havas).

Despesas com o exercito britânico

LONDRES, 3.—Foram publicados esta manhã os calculos orçamentais para o exercito. Elevam-se a 85.357 mil libras, mais 21.143 mil, proveniente do «Fundo consolidado» nos termos da «Defence Loan Act-1937», o que faz ascender o montante liquido das despesas do exercito para o exercicio 1938-1939 a 106.500 mil, ou seja mais 24.326 mil libras do que no ultimo ano.—(Havas).

As construções navais japonesas

TOQUIO, 3.—O informador do Ministerio da Marinha declarou á Imprensa que são infundadas as informações de Washington segundo as quais o Japão construiria cruzadores rapidos de 20 a 25.000 toneladas poderosamente armados. O mesmo informador recusou-se a precisar se as palavras «sem fundamento» significavam que o Japão não está construindo realmente cruzadores.—(Havas).

Uma arma de defesa
contra aviões de bombardeamento

LONDRES, 3.—O redactor para os assuntos aeronauticos do «Daily Herald» informa que o governo inglês dispõe duma nova arma de defesa contra aviões de bombardeamento. Esta arma de defesa, em cujo fabrico trabalharam recentemente peritos científicos e técnicos do Ministerio do Ar, estaria agora terminada e pode ser empregada imediatamente em caso de guerra.—(D. N. B.).

O MOMENTO INTERNACIONAL

Lord Perth segue no proximo sabado
devendo começar, em seguida, as negociações

LONDRES, 3.—Os meios oficiais confirmam que Lord Perth partirá no proximo sabado para Roma. Prevê-se que as conversações anglo-italianas comecem no principio da proxima semana, mas e Lord Perth quem fixará «in loco» a data da abertura, de acôrdo com o governo de Roma.—(Havas)

Em Paris crê-se que Chamberlain
será prudente nas negociações

PARIS, 3.—Os jornais voltam a occupar-se das negociações anglo-italianas. «L'Époque» diz: Pode crer-se que Neville Chamberlain será prudente. Só tentará aproximar-se de Berlim se se entender com Roma. Seria inútil na hora actual querer romper o famoso «eixo». Na partida que se joga, os dois países totalitários, têm todo o interesse em ostentar a sua ligação, mas o «eixo» poderá seriamente adormecer se um dos dois elementos que o compõem se aproximar da Inglaterra ou da França. Compreendeu-se isto em Londres. Não estamos certos de que o mesmo suceda em Paris. No entanto, a Imprensa italiana dá provas duma enorme moderação ao dizer que os regimes internos não devem entrar em linha de conta, quando se trata de politica externa, podendo muito bem todos os países totalitários aproximar-se das democracias. Nunca é demais louvar a prudência, mas a iniciativa é também uma virtude diplomatica.

A «Humanité» diz: «Goering ameaçou de maneira muito directa a Austria e a Checo-Eslováquia. A resistência austriaca e a firmeza do povo checo-eslovaco—não é demais lembrá-lo—dependem em grande parte da atitude do governo francês. E' incontestável que as declarações feitas no sabado ultimo em nome do governo francês acerca da Checo-Eslováquia serviram a paz europeia».—(Havas).

Chamberlain acha cedo para avaliar o
alcance do acôrdo Hitler-Schuschnigg

LONDRES, 3.—No fim da sessão de ontem a noite na Camara dos Comuns, consagrada aos problemas de politica interna, o trabalhista Henderson levantou a questão da independência da Austria e pediu ao governo que declarasse «se se reserva o direito de levar a questão á S. D. N.». Referiu-se á recente declaração de Deibos de que considera a independência da Austria como elemento essencial da paz europeia.

Tomando a palavra, Neville Chamberlain lembrou á assembleia os termos do Art. 88 do tratado de Saint Germain e declarou que o governo de Sua Majestade não crê que tenha havido infracção ás clausulas daquele artigo. Resumiu então rapidamente os acontecimentos e afirmou não ver como juridicamente se possa pretender que «por dois homens de estado reconhecerem que eram necessarias certas modificações no interesse das relações entre os dois países, um desses países perdeu a independência». A prova disso encontra-se no discurso de Schuschnigg. Chamberlain voltou a afirmar que o governo britânico não pode desinteressar-se dos acontecimentos da Europa Central, mesmo se a politica não tivesse outro fim senão «auxiliar o estabelecimento da maior segurança e da maior confiança da Europa». Disse que é ainda muito cedo para avaliar o alcance real do acôrdo Hitler-Schuschnigg e concluiu com a afirmação de que o governo seguirá os acontecimentos «com a maior atenção e o maior interesse».—(Havas).

A Australia apoia Chamberlain

LONDRES, 3.—De Canberra comunicaram á Reuter que o gabinete da Australia resolveu dar o seu apoio á politica externa de Neville Chamberlain.—(Havas).

A impressão que causou em Praga
o discurso de Goering

PRAGA, 3.—A Imprensa checo-eslovaca conserva o sangue-frio perante o discurso de Goering. O jornal da direita «Narodni Noviny» escreve: «As palavras de Goering dirigidas á Checo-Eslováquia não atingiram o seu fim. A questão da nossa minoria alemã é uma questão interna checo-eslovaca. Não



General Goering, cujo discurso sensacional interessou vivamente os círculos políticos e militares da Europa

consentiremos que uma terceira potencia se imiscua nas nossas questões internas. E' preciso que Berlim e os nossos amigos do Ocidente contem este facto. Nada faremos que seja incompatível com a honra e orgulho dum povo soberano».

O jornal da esquerda «Narodni Osvození» diz: «As palavras de Goering não contribuem certamente para o apaziguamento de que falou Hitler no seu discurso de 20 de fevereiro. Essas palavras, porém fixarão a opinião».

Herança original

Ha doze anos um multimilionario do Canadá, o sr. Charles Vence Millas, deixou trinta milhões de francos á canadiana que tivesse mais filhos, nos dez anos que se seguissem á sua morte. E' facil prever os resultados de semelhante legado. Houve como que uma especie de maratona maternal, entre as mulheres daquele país. Embora os herdeiros de Charles Vence Millas contestassem a sua ultima vontade, dizendo que além de immoral podia provocar graves perturbações sociais, o Tribunal Supremo do Canadá validou-a, encarregando o Tribunal de Toronto de atribuir esse riquíssimo premio. Uma familia conseguiu bater o «score», apresentando onze crianças. Mas houve duvidas. As familias preteridas, que tinham, apenas, oito, nove e dez filhos, afirmaram que o tal casal «progenitor» anexára á prole, um rebento que não lhe pertencia.

O tribunal de Toronto ainda não se pronunciou, mas já appareceram dezainove candidaturas de mães, com oito filhos cada uma.

Continua o incendio a bordo
do vapor finlandês «Hanö»

O vapor finlandês «Hanö», carregado de oleaginosas, entrou esta madrugada no Tejo com fogo no porão da ré e foi rebocado para o «Mar da Palha».

Durante o dia de hoje não solicitaram, de bordo, quaisquer socorros apesar do incendio continuar a lavrar com certa intensidade.

Parece que os tripulantes vão esvaziar o porão da ré, preferindo a perda da carga ao custo de quaisquer trabalhos de extinção do incendio.

ONAL

bado para Roma ões anglo-italianas

publica democratica sobre o verdadeiro sentido do apelo do chanceler ao direito dos povos de disporem de si mesmos.

O jornal socialista «Pravo Lido» diz que «o discurso de Goering é a melhor resposta a todos os que, embora desampontados, têm acreditado numa possível plataforma com o Reich».

Finalmente o jornal independente da direita «Narodni Politika» conclui que «devemos perguntar a nós próprios se é possível realizar um entendimento com os alemães sudetas ou um entendimento com o Reich. A declaração de Goering mostra a necessidade de nos conservarmos firmes. As ameaças não nos assustam».—(H.)

Novo embaixador americano no Reich
BERLIM, 3.—O Fuehrer-Chanceler recebeu hoje ao meio-dia Hugh R. Wilson, novo embaixador dos Estados Unidos da America em Berlim, para lhe entregar as suas credenciais. Von Ribbentrop, ministro dos Negocios Estrangeiros, e von Mackensen, secretario de Estado, assistiram a este acto oficial.

O embaixador Wilson declarou: «Posso regosijar-me por ter, pela terceira vez, domicilio neste pais e é minha firme vontade e desejo que os laços de amizade que existem entre os dois paises possam ser mantidos e desenvolvidos durante a minha estadia na Alemanha».

O Fuehrer-Chanceler respondeu: «Saudo com viva satisfação, sr. embaixador, o facto de haverdes exprimido o desejo sincero de desenvolver, durante a vossa estadia na Alemanha, os laços de amizade que existem entre os nossos dois paises. O facto de não ser a primeira vez que vindes á Alemanha e de conhecerdes o povo alemão graças á vossa actividade diplomatica anterior, facilitará os vossos esforços para uma compreensão reciproca entre os dois paises. Vossa Excelencia pode estar convencido de que eu e o governo do Reich faremos todo o possível para vos auxiliar na realização da vossa missão».—(D. N. B.)

O Loyd Brasileiro

Os velhos e conhecidos barcos do Lloyd Brasileiro vão em breve desaparecer. Este «breve» é relativo, mas pode anunciar-se que aquela Lloyd pediu orçamento a trinta firmas brasileiras e estrangeiras para construção de dōze navios mixtos, dentro de um fundo de 200.000 contos. O Estado intervem, como é comum nestas cousas de navegação em quasi todos os paises, dando um auxilio decisivo.

CAMPEONATO MUNDIAL DE BILHAR

O português Ferraz vai á final
Terminaram as eliminatórias do campeonato mundial de bilhar, em partida livre. Foram apurados oito jogadores para a final, entre os quais o nosso compatriota Ferraz, que apenas foi batido pelo alemão Joachim, mas que fez uma grande partida em frente do holandês Sweering, a quem venceu. Os apurados finalistas são os seguintes: Albert, Côte e Golmiche (todos franceses), Insebit (Suíça), Joachim (Alemanha), Ferraz (Portugal), Sweering (Holanda) e Thielens (Alemanha).

NOTÍCIAS DO TOREL

FURTO POR MEIO DE CHAVE FALSA
Os gatunos entraram na rua de D. Diniz, 33 cave, residencia do sr. José Gonçalves, e furtaram por meio de chave falsa varios objectos.

FURTO DUMA CARTEIRA—Os gatunos furtaram, num carro electrico, uma carteira o sr. Alberto Augusto da Silva.

QUÊM CABRITOS VENDE E...—Foi preso José Moreira, por ter vendido 16' carritos que lhe foram confiados pelo sr. Manuel Luiz, para os levar a um seu cliente, o que ele não fez, indo vendê-los a outra pessoa e gastando depois o dinheiro em seu proveito.

Leiam hoje o jornal humorístico SEMPRE FIXE.

ESQUADRAS ESTRANGEIRAS

Os submarinos ingleses efectuaram um exercicio ao largo da barra do Tejo

Os submarinos ingleses «Sea-Horse» e «Star-Fish» efectuaram esta manhã exercicios fora da barra, com a assistencia de diversos officiaes da nossa esquadilha de submarinos.

Cerca das 8 horas embarcaram naqueles submarinos os srs. capitão-tenente Nuno de Brion, 1.º tenentes Ferreira de Oliveira, Manuel Ruiz Bastos e Silva Puppe; 2.º tenentes Alves Lopes e Araújo, e 2.º tenentes engenheiros maquinistas Mousinho e José Alegria.

Os submarinos saíram pouco depois da doca de Alcantara e dirigiram-se para a barra navegando á superficie e em coluna simples.

Ao largo de Cascais, os dois barcos efectuaram diversas evoluções e, em seguida, com grande precisão, fizeram simultaneamente uma imersão rapida, que demonstrou o grande treino e preparação das guarnições.

De novo á superficie, os barcos efectuaram ainda outras evoluções e, cerca das 11 e 30, approaram á barra, de regresso ao Tejo.

Uma hora depois, os submarinos britânicos entraram na doca de Alcantara e atracavam novamente ao navio-mãe «Lucia».

Às 13 horas houve, a bordo deste ultimo navio, um almoço oferecido pelo comandante Stephens aos officiaes portugueses que tinham assistido aos exercicios. Não houve brindes, mas conversou-se animadamente e trocaram-se affectuosas saudações.

Amanhã, os nossos submarinos «Delfim» e «Golfinho» largam pelas 8 horas da base de Belem para efectuar um exercicio de conjunto, seguindo a seu bordo o comandante Stephens e os officiaes dos submarinos britânicos. Após o regresso, o comandante Nuno de Brion oferece um almoço á officialidade inglesa na base de Belem.

A flotilha largará pouco depois do Tejo, com destino a Gibraltar.

A divisão naval italiana

A divisão naval italiana que chega no domingo ao Tejo, vem em visita official ao governo português. O programa da recepção está a ser elaborado no ministerio dos Negocios Estrangeiros.

O PORTO pelo telefone

Posse dum funcionario municipal

PORTO, 3.—No gabinete da presidencia da Camara realizou-se hoje, com enorme concorrencia, a posse do novo director dos serviços de engenharia sr. major Fernando Moreira de Sá, nomeado por portaria de 16 de fevereiro passado. Ao acto assistiram pessoas da mais alta categoria, quasi todos os vereadores, comandantes de unidades, directores e professores de estabelecimentos de ensino superior, muitos engenheiros, todo o funcionalismo da Camara, e algumas senhoras.

A posse foi dada pelo sr. dr. Mendes Correia presidente da Camara, que fez o elogio do seu passado, abordando ao mesmo tempo os problemas citadinos mais importantes, especialmente no que respeita á urbanização, tanto do centro como da periferia, cujo plano urge que se faça.

Aludiu tambem ao problema da pavimentação da cidade, que é urgentissimo que se faça numa extensão de 400 kilometros. Seguiu-se no uso da palavra o sr. dr. Duarte Lima, chefe da secretaria da Camara, que saudou o sr. Moreira de Sá, em nome dos funcionarios das repartições da engenharia do Municipio com cuja lealdade e cooperação podia contar em absoluto.

Respondeu o sr. engenheiro Moreira de Sá, que agradeceu o lugar de honrosa confiança com que o distinguiram, referindo-se á missão ingrata a que se vai dedicar para desenvolvimento da cidade.

No final, foi muito cumprimentado pelos presentes.

O caso de Carlos Alberto

Do hospital da Misericórdia, onde se encontrava desde a madrugada do dia 12 do setembro, transitou hoje para o Aljube. Manuel Francisco Bartolo, o protagonista daquela cena de tiros que ocorreu naquela data no estabelecimento da praça Carlos Alberto, pertencente á firma Lopo Xavier & C.ª. As investigações continuam a cargo do habil agente da Polícia, Fragateiro.

Maxim's

As deslumbrantes ornamentações luminosas que tão apreciadas foram durante as festas do Carnaval, continuam a decorar os Salões deste Clube
As senhoras mascaradas têm entrada livre

A MORTE DE D'ANNUNZIO

Ao funeral do poeta assistiram

O Duce e um representante do rei

GARDONE, 3.—O funeral de Gabriel D'Annunzio realizou-se esta manhã, numa atmosfera de simplicidade austera. Grupos de soldados da aviação, legionarios de Fiume e Adridi e voluntarios da guerra velaram durante toda a noite os restos mortais do poeta, expostos na pequena praça que dá acesso ao Vittoriale. Duas enormes corôas de louros—uma do rei e outra do Duce—foram colocadas junto da urna.

Desde as primeiras horas da manhã começaram a chegar numerosas delegações das associações patrióticas, assim como destacamentos do exercito e da milicia. Entre as personalidades que afluem ao Vittoriale figuram diversos ministros, o presidente do Senado, o chefe do Estado Maior da Milicia e representantes da Academia italiana. A princesa de Montenevoso, viúva do poeta, que chegou durante a noite de Paris, está cercada pelos seus filhos e por intimos do extinto. Da cabeça aos pés cobre-a um espesso veu negro.

Pouco depois chegou o duque de Bergamo, representante do rei. Era seguido pelo Duce, a quem acompanhavam o conde Ciano e Starace. Mussolini saudou com o braço direito; depois fez o sinal e aparafezou-se a tampa da urna, onde se achava depositado o cadaver desde o principio da manhã. Uma banda executou o hino de Piava, ao mesmo tempo que um canhão colocado á proa do navio «Puglia», instalado no parque Vittoriale troava de minuto a minuto. O feretro, coberto com uma grande bandeira dalmata, foi depois colocado numa carreta. Formou-se então o cortejo em direcção á igreja parochial de São Nicolau. O duque de Bergamo, o Duce de cabeça descoberta, os membros da familia e outras personalidades seguiram o caixão que a multidão silenciosa saudava.

À entrada, o arcepreste, cercado por membros do clero, aguardava o cortejo. O feretro foi colocado sobre o catafalco no centro de igreja, completamente á cunha, começando-se em seguida a missa. O órgão executou motivos das obras de Beethoven, que o poeta particularmente estremecia. Ao longe, o canhão continuava a troar de minuto a minuto. Junto ao catafalco vê-se uma grande corôa de louros atada com as cores de Fiume.

Depois da benção, reconstituiu-se o cortejo, que subiu o caminho que conduz ao Vittoriale, onde o feretro foi depositado, aguardando a inumação ao lado dos 4 heróis, que participaram com D'Annunzio na expedição de Fiume.

Um trimotor de bombardeamento, vindo de Guidonia, perto de Roma, voou esta manhã sobre a residencia de Gabriel D'Annunzio, lançando ramos de louros—homenagem da aviação italiana ao grande poeta.—(Havas).

Assembléa Nacional

A Assembléa Nacional reuniu hoje, após as festas do Carnaval, para discussão da proposta de lei sobre o regime administrativo das ilhas adjacentes e do respectivo parecer da Camara Corporativa.

A sessão abriu ás 16 e 30, respondendo á chamada 47 senhores deputados.

Preside o sr. dr. José Alberto dos Reis, secretariado pelos srs. engenheiro Pedro Botelho Neves e dr. Faviola Vieira.

Antes da ordem do dia foi pelo sr. dr. Querubim Guimarães perguntado se já havia vindo da Camara Corporativa o seu projecto de lei sobre divisão administrativa.

Sobre a c.d.m. devem falar os srs. dr. Faviola Vieira, Fernando Borges, Linhares de Lima, Antonio Hintze Ribeiro, Juvenal de Araújo e Festina dos Reis.

Hoje e amanhã: Entrada livre aos Ex. mos Socio's
Sabado, 5 de Março: Grande Baile da Pinhata

REFORMA DOS SERVIÇOS PRISIONAIS

Vão construir-se, enfim, os palacios de Justiça em Lisboa e Porto

O sr. dr. Manuel Rodrigues, illustre ministro da Justiça, a quem o pais deve já uma obra notavel, vai submeter á apreciação da Assembléa Nacional um importante diploma de reforma dos serviços prisionais o qual deve ser apreciado ainda na presente sessão legislativa.

O referido diploma é precedido de um relatorio no qual o problema prisional é apreciado com uma clareza e criterio excepcionais e estudadas todas as formas de o resolver.

Entre outras disposições importantes que constam do articulado, destacamos a criação dos palacios de Justiça de Lisboa e Porto, destinados á instalação dos tribunais superiores e de 1.ª instancia das mesmas cidades.

São tambem criadas a cadeia preventiva da comarca do Porto; cadeias centrais de Lisboa e Porto, para homens; cadeias central, com secções mixtas, de Santo Antão do Tojal, para mulheres; cadeias centrais, com secções mixtas correctionais e preventivas, de Coimbra, Braga, Setubal, Ponta Delgada e Funchal, para homens e mulheres; colonias penitenciarias de Alcoentre e de Coimbra para homens; e colonia penal para presos de difficil correcção, de Valverde, para homens.

Dispõe ainda o decreto que o edificio da actual Penitenciaria de Lisboa será aplicado a cadeia preventiva da mesma cidade e a secções especiais de outros serviços prisionais; e que o edificio do Limoeiro seja destinado á instalação da Policia de Investigação Criminal e ao Arquivo Geral do Registo Criminal e Policial.

Serão construidos, adaptados, ampliados ou concluidos os edificios necessarios á instalação dos estabelecimentos e serviços a que acima nos referimos e á instalação da prisão-escola de Leiria, Colonia Penal de Cabo Verde, Colonia Penal de Sintra e Reformatorio da Guarda.

Para a execução destas obras é o Ministerio da Justiça autorizado a contrair, na Caixa Geral de Depositos, um emprestimo de 60\$000 contos, utilizavel em conta corrente durante um prazo que não exceda oito anos, a contar da data do contrato.

Se outras disposições notaveis não constassem deste importante diploma, uma só por si, mereceria o nosso inteiro aplauso, qual seja a da construção do Palacio de Justiça de Lisboa, aspiração de longos anos que honrará o ministro que subsegue tão urgente como necessaria medida.

Dois cabos de guerra



O general Pershing, que comandou o corpo expedicionario americano em França, durante a Grande Guerra encontra-se moribundo. Vêmo-lo aqui, ao lado do marechal Pétain, quando o grande cabo de guerra francês visitou os Estados Unidos em 1931

PATISSERIE VERSAILLES

Lanches para casamentos

BOLSAS

3 de março
CONTADO

VALORES	Recebido	Compra	Venda
Fundos do Estado			
Consolidado 3 3/4 1936/37	950\$00	949\$50	950\$50
4 0/0 1934	982\$00	981\$00	983\$00
Empréstimo 4 1/2 0/0 1912	2.220\$00	2.220\$00	2.230\$00
Consolidado 4 1/2 0/0 1933	—	1.021\$00	1.025\$00
4 3/4 1934	—	1.151\$00	1.158\$00
5 1/2 0/0 1933	—	1.063\$00	1.065\$00
Externo 3 0/0 1.ª Série	1.714\$00	1.713\$00	1.715\$00
3 0/0 2.ª	1.833\$00	—	—
3 0/0 3.ª	—	—	—
Cautelas s/ juro 3.ª Série	—	—	160\$00
Ações			
BANCOS			
Espírito Santo e Comercial de Lisboa	—	762\$00	77\$00
Lisboa & Açores, port.	—	370\$00	—
Portugal, portador	—	—	1.127\$00
C.ª DE SEGUROS			
Bonança	—	900\$00	1.000\$00
Fidelidade	—	18.000\$00	18.000\$00
Mundial	247\$00	246\$00	249\$00
Nacional	—	—	—
Sagres	—	1.270\$00	1.350\$00
Tagus	—	1.363\$00	—
C.ª DIVERSAS			
C. P. ordinária	—	—	—
privilegiadas	—	10\$40	11\$00
Águas de Lisboa, port.	—	250\$00	270\$00
ass. 1934	149\$00	—	—
ass. 1936	—	—	—
Credito Predial	—	13\$00	13\$70
Gaz e Electricidade	312\$50	312\$00	313\$00
Portugal e Colonias	87\$20	87\$20	87\$40
Navegação	133\$50	133\$00	134\$00
Portuguesa de Pesca	288\$00	287\$00	289\$00
de Tabacos	406\$00	405\$00	407\$00
Tabacos de Portugal	369\$00	369\$00	371\$00
Tabacaria	—	—	—
União Electrica Portug.	—	—	199\$00
COLONIA			
Açúcar de Angola	—	380\$00	388\$00
Busi - J.ª Emissão	—	—	—
— 2.ª	—	—	—
Ilha do Príncipe, as.	380\$50	—	—
Obrigações			
C. P. 6 0/0	—	182\$00	187\$00
Radial 6 0/0 - 1932/33	—	103\$00	105\$00
7 0/0	—	113\$00	—
União Elect. Port. 6 1/2 0/0	114\$00	—	105\$00
5 0/0	—	119\$00	—
Busi 6 1/2 0/0	—	—	—

Obrigações de Tesouro 3 1/2 0/0

Aceita inscrições e presta todos os esclarecimentos sobre títulos do Estado Português.

HENRIQUE BARROS GOMES
Corretor oficial—Rua S. Julião, 69
Telefone 2 5482

CÂMBIOS

CHEQUE SOBRE	Compra	Vendas
Londres	110\$15	110\$19
Paris	\$71,6	\$71,6
Madrid	1837,6	1837,6
New-York	21\$95,3	21\$96,5
Zurich	\$409,7	\$410,9
Roma	1\$15,5	1\$15,6
Bruxelas	\$372,6	\$372,8
Amsterdã	12\$28,3	12\$28,9
Berlim	\$888,1	\$888,6
Praga	\$77,1	\$77,2
Rio de Janeiro	1\$27,6	1\$27,7
Libra ouro	—	—

A agitação na Palestina

Chegou a Haifa o novo
alto comissário britânico

HAIFA, 3.—Chegou esta manhã a bordo do cruzador «Enterprise» sir Harold Mac Michael, novo alto comissário britânico. Tomaram-se precauções extraordinárias para garantir a segurança no desembarque e no trajecto do caminho de ferro de Haifa para Jerusalem. As precauções não foram tomadas debalde, pois sabe-se que se descobriu uma bomba colocada pelos terroristas na linha ferrea entre Lydda e Jerusalem. O engenho explodiu prematuramente, causando estragos na via ferra. Não houve outro incidente.—(Havas).

Luta de rebeldes com as autoridades

HAIFA, 3.—Ontem à noite houve intensa fuzilaria no centro de Haifa, de que resultaram 4 feridos. Um cabo árabe e um agente de policia judeu atravessavam um bazar quando foram atacados por diversos indivíduos, que dispararam sobre eles uns 15 tiros, ferindo-os gravemente. Dois árabes que se encontravam nas proximidades foram igualmente atingidos. Na estrada de Tulkarem para Naplusa, próximo da aldeia de Irshara, um bando de rebeldes atacou um comboio militar. Depois de 2 horas de combate, os soldados puseram os agressores em fuga.—(Havas).

Jorge VI recebeu

o Corpo Diplomático

LONDRES, 3.—O rei recebeu hoje todo o Corpo Diplomático. Envergando o uniforme esmeralda de coronel-chefe de brigada da Guarda, o soberano dirigiu-se esta manhã, do palácio de Buckingham para o de St. James, onde se realizou a primeira cerimónia da estação.

Conforme a tradição, os membros do Corpo Diplomático, e os representantes da Marinha do Exército e dos Domínios, inclinaram-se perante o rei durante a cerimónia. O duque de Beaufort, escudeiro-mor, acompanhava o rei no coche e os outros funcionários vinham atrás.

A sua chegada ao palácio, o rei escoltado pelo lord camarista e por altos dignitários da casa real, subiu os degraus da escadaria principal que estavam cobertos com um tapete escarlate. Seguidamente, o soberano sentou-se no trono coberto por um baldquino decorado com as armas reais. Durante o percurso, o rei foi alvo de entusiásticas aclamações por parte da multidão.—(Havas).

Cena de sangue

Do advogado sr. dr. Ary dos Santos recebemos uma carta em que esclarece alguns pontos da notícia que ontem publicámos referente a uma cena de sangue de que foi vítima o sr. Antonio Gonzalez Caballero, seu constituinte. Informa-nos aquele causidico que a filha do sr. Caballero, seguindo os conselhos do pai, foi a primeira a acabar com o namoro; que o agressor não estava embriagado quando cometeu o crime ou não estava tão embriagado que não tivesse aproveitado uma distracção do sr. Caballero para o agredir, e finalmente que o seu constituinte não mora no 3.º andar da rua das Gaveas n.º 11, 3.º.

O «Diário de Lisboa» limitou-se a publicar sobre o assunto, as informações que colhemos no Tórel.

DE LUTO

José Moreira Rato

Com 77 anos, faleceu ontem o escultor José Moreira Rato, que afirmou o seu talento em algumas obras notáveis da arte estatutária.

José Moreira Rato demonstrou bem cedo a sua tendencia artistica. Tendo sido aluno laureado da Escola de Belas Artes de Lisboa foi depois estudar para Paris, onde conseguiu chamar a atenção do publico e da critica. Os seus trabalhos «Caim» e «Sem casa e sem pão», que hoje figuram na nossa galeria do Museu de Arte Contemporanea, foram premiados no «salon» da capital francesa com uma menção honrosa e uma medalha de ouro, distincção que então muito estimulou o jovem artista português.

Além de muitas obras de arte que enriquecem hoje varias coleções particulares, Moreira Rato foi autor dos monumentos a Estacio de Sá, fundador do Rio de Janeiro, e ao Patrão Lopes, em Paço de Arcos, a terra da naturalidade do artista, das estatuas para os mausoleus de visconde de Valmor e do conde de Valbom, da figura da Historia, que existe na Camara Municipal de Lisboa, do grupo decorativo da sala das sessões da Assembléa Nacional e dos doze medalhões de medeiros que ornamentam a fachada da Faculdade de Medicina de Lisboa, além de numerosos trabalhos espalhados pelo país.

Na Sociedade de Geografia existem tambem varios bustos da sua autoria.

O funeral do distinto artista realizou-se esta tarde para o cemiterio dos Prazeres, sendo o feretro acompanhado por muitos admiradores do extinto.

Vicente Caeiro Carrasco

Realizou-se ontem o funeral do sr. Vicente Caeiro Carrasco, antigo funcionario da Exploração do Porto de Lisboa, que gosava de gerais simpatias pelas suas nobres qualidades, de caracter e de inteligencia. O feretro ficou depositado em jazigo de familia no cemiterio dos Prazeres.

O extinto era pai do tenente sr. Alexandre Caeiro Carrasco e do distinto clinico dr. Manuel Caeiro Carrasco, medico do Hospital dos Capuchos, aos quais, bem como a toda a familia, apresentamos as nossas condolencias.

Homenagem a Homem Cristo

Nas livrarias Guimarães & C.ª e Portugalia encontram-se patentes, para quem as desejar assinar, as folhas da mensagem que um grupo de escriptores e jornalistas entrega no proximo dia 8 ao illustre jornalista Homem Cristo, que nesse dia completa 78 anos de idade.

AUTOMOBILISMO

Uma medida inoportuna

A Direcção dos Serviços de Viação do Sul avisou os instrutores para condução de automoveis de que estes, a partir do corrente mês, terão de ser fechados para o acto do exame. Acontece que tal medida surgiu depois de já terem sido pagas as contribuições referentes ao corrente ano, e em tão curto prazo que difficil se torna a sua execução. E acontece ainda que se anuncia para o fim do ano uma reforma geral destes serviços, que bem dispensava a medida de agora, tanto mais que esta não fixa o tipo de carro a usar e pode acontecer que o de hoje não seja o da reforma de amanhã.

E, a não ser comprando outros carros e pagando novas contribuições, como obter para os exames carros fechados em condições? Além de que os alunos que receberam instrução em carros abertos iriam extranhar o exame em carros fechados.

Afigura-se-nos, portanto justa a reclamação dos interessados e inoportuna a medida, que bem podia ser suspensa até á annunciada reforma geral dos serviços, de forma a dar tempo a se prepararem para a sua execução aqueles instrutores que já pagaram contribuições e têm contratos firmados, permitindo-se-lhes usarem até ao fim do ano carros abertos, os quais são aliás, ainda os utilizados para a instrução no Batalhão Automovel.

O desastre no Monte de Caparica
que vitimou dois homens

Acêrca do lamentavel desastre que vitimou dois trabalhadores numa quinta de Murfacem, no Monte de Caparica, fulminados por um cabo de alta tensão, informam-nos que a Sociedade de Electrificação Urbana e Rural, exploradora da rede electrica da região, adquiriu em maio do ano passado á Camara Municipal de Almada aqueles serviços e rede, mas em tão mau estado que em cêrca de oito meses não tem feito outra cousa senão reparar avarias, substituir material e, de uma maneira geral, tornar aqueles serviço capazes.

Justamente na area onde se deu o desastre não fôra possivel ainda realizar melhorias, por falta de tempo.

A Sociedade exploradora está procedendo a um inquerito, e não se desinteressa pela sorte da familia dos pobres trabalhadores.

Quere a sorte grande?
Habilite-se na Tabacaria MADRID
Rua do Mundo, 115


PARA O ENCANTO das pernas

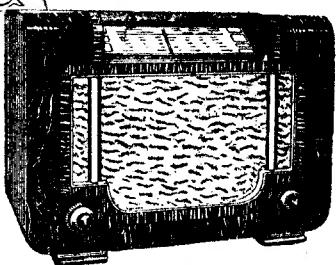
As pernas, mesmo sendo esculpturais, tornam-se mais belas e sedutoras quando calçadas com uma ótima meia de seda. Use portanto as mais transparentes, duradouras e resistentes meias de seda animal até hoje apresentadas em Portugal: — As meias KALIO.

São vendidas em 2 tipos: KALIO e KALIO-A (este último é o «non plus ultra» da transparência) respectivamente a 30\$00 e 32\$50.

São incomparáveis as

Kalio

Mullard



O receptor de reprodução impecável!

Representante geral:

J. PINHEIRO DAVID — R. dos Fanqueiros, 62-2.º E.—Telf. 2.6546

SINTRA — Pensão SANTA MARGARIDA

Almoços a 12\$00—Jantares a 13\$00
Preço Especial fim de semana

Um caso de espionagem descoberto na Escócia

LONDRES, 3.—Descobriu-se um novo caso de espionagem na Escócia a que os jornais dão grande relevo. A imprensa anuncia que a viúva Jessie Jordan foi presa, ontem à noite, depois da Polícia ter passado uma busca no seu salão de cabeleireiro de Dundee. E' acusada de ter infringido a lei dos segredos oficiais. Os polícias, acompanhados por um oficial dos serviços de informações do ministério da Guerra, descobriram num armazém uns documentos de que se apossaram.—(H.).

AERONAUTICA

Desaparecimento dum avião
da carreira norte-americana

ALBUQUERQUE, 3.—Desapareceu ontem à noite, provavelmente na região de Fresno, um avião da «Transcontinental & Western Air-Lines», que de San Francisco seguia para Albuquerque com 6 passageiros e 3 tripulantes. Andam em sua procura aviões militares, mas as perquisas são prejudicadas pelo nevoeiro.—(Havas).

Para AUTOMOVEIS

Baterias U S L — Velas GLOPE
Correias DAYTON

AUTO GERAL
175-R. Eugénio dos Santos 177-Tel. 24051

UM MARIDO TACITURNO



A culpa é do seu estômago

Se o seu marido se irrita por nada, se tem falta de apetite ou se queixa da sua cozinha, é quasi certo que tem o estômago desarranjado. Um estômago dorido põe de mau humor o homem mais amável do mundo. A dor é uma advertência da natureza sobre a existência dum mal que não sendo tratado pode dar lugar a complicações graves. Para que seu marido se sente à mesa com prazer, dê-lhe Magnésia Bisurada que neutraliza o excesso de acidez e torna a digestão sã e normal. Acabam imediatamente as dores, as flatulências, os ardores e os pesadumes depois das refeições. O seu esposo felicita-la-á pelos pratos por si confeccionados, que ele poderá facilmente digerir e de que assimilará, sem dificuldade, todo o valor nutritivo. A Magnésia Bisurada assegura todos os dias uma boa digestão a milhares de pessoas que sofrem do estômago. Insista em se comprar Magnésia Bisurada, a qual acha-se à venda somente em frascos selados. Recusa as substituições.

DIGESTÃO ASSEGURADA

**MAGNÉSIA
BISURADA**

À venda em todas as farmácias, em pó e em comprimidos, ao preço de Esc. 15\$00, ou Esc. 23\$00 — tamanho grande, económico.

ROGERIO PEREIRA MARQUES

AGRADECIMENTO

Antonio Pereira Marques e mais Família, não podendo, como desejavam por desconhecimento de moradas, agradecer directamente a todas as pessoas que acompanharam o funeral do seu saudoso filho e parente Rogerio Pereira Marques, ou lhes enviaram condolências, fazem-no por esta forma. Para todos a sua gratidão.

ESTRANGEIRO

NOTICIAS DO BRASIL

Importantes declarações do presidente Getúlio Vargas

RIO DE JANEIRO, 3.—O presidente da Republica, cumprindo a promessa que fez no Rio Grande do Sul aos jornalistas da sua comitiva, deu uma entrevista colectiva à imprensa carioca, em Petropolis.

O dr. Getúlio Vargas, disse que, apesar de parecer encontrar-se a repousar, trabalha 16 horas por dia, fez a resenha da obra realizada, depois dos seus ultimos discursos, e expôs o que projecta fazer.

Da primeira constam: a criação da Carteira do Credito Agricola—o ultimo ponto do programa da Aliança Liberal que faltava realizar—com o capital inicial de 100 mil contos, para emprestimos à lavoura e à industria. e o commercio da colonização da Baixada Fluminense, zona de 17 mil quilometros quadrados ás portas do Rio de Janeiro, que era flagelada pelo impudismo, e que está a ser saneada, mediante grandes obras hydraulicas, passando a ser a base do fornecimento dos mercados da capital.

O dr. Getúlio Vargas referiu-se á reforma da lei de imigração para o Rio Grande do Sul, em reunião do ministério, tratei desta materia e determinei que se designasse uma comissão para proceder á reforma da lei. A comissão foi nomeada e, depois que cheguei, já me avistei com ella, devendo dentro de poucos dias ser apresentado o resultado dos seus trabalhos substanciado numa lei de grande importância para a economia do país, não só pela orientação que dará á politica da imigração, como também pela normalização de todas essas disposições referentes á imigração, á expulsão de estrangeiros e á naturalização.

Actualmente, por exemplo, a lei trata de imigrantes e de turistas. Como se sabe, imigrantes são os que vêm para ficar no país e turistas os que desembarcam por tempo determinado. Esta diferença dá lugar a controvérsias. Para os primeiros, a lei deve conter exigencias maiores, visto que o nosso interesse é que venham agricultores e não elementos que se empreguem noutros ramos de trabalho. Neste sentido, a legislação deve ter um cuidado especial.

O chefe do Estado referiu outras realizações e planos: amparo aos menores abandonados e delinquentes; construção de edificios para os ministerios e para os grandes serviços publicos, uns já concluidos, outros em andamento e outros em projecto; a reforma da Imprensa Nacional, que terá um edificio proprio e será um centro industrial modelo; a reorganização do Conselho de Comercio Externo; a associação do capital estrangeiro ou nacional para a criação da grande siderurgia; o Estatuto do Funcionario Publico; e rearmamento do Exercito e da Marinha, dentro de um plano estabelecido pelos Estados Maiores; o vastissimo projecto ferroviario e de viação por estradas; a campanha do trigo, destinada a aumentar a produção nacional; aproveitamento do carvão brasileiro, etc.

Um jornalista perguntou ao dr. Getúlio Vargas se ia ao norte. O presidente respondeu:

«A viagem que eu devo fazer em primeiro lugar não é para o Norte; é para o Oeste, de acordo com o rumo estabelecido pela orientação económica do governo. Devo ir a Goyaz e a Mato Grosso, passando por Minas Gerais e S. Paulo».

Por ultimo, o Chefe do Estado entregou aos jornalistas um documento redigido pelo seu proprio punho, em que diz:

«O imperialismo brasileiro consiste na expansão demografica e economica dentro do proprio territorio. Com as imensas reservas territoriais de que dispomos será possível formar um grande mercado unitario, com capacidade bastante para absorver a produção das zonas industrializadas.

Desde que o mercado nacional tenha a sua unidade assegurada acrescentando-se a sua capacidade de absorção, está assegurada a federação politica. A expansão economica trará o equilibrio desejado entre as diversas regiões do país, evitando-se que existam irmãos ricos ao lado de irmãos pobres. Neste momento só a existencia de um Governo Central, forte, dotado de recursos suficientes, poderá trazer o resultado desejado. As incertezas, as dificuldades, os choques que derivam da existencia de dois Brasís, um politico e outro economico que não coincidem. A grande tarefa do momento, no nosso país é a mobilização dos capitais nacionais, para que tomem um caracter dinamico na conquista economica das regiões atrasadas. No nosso territorio vasto e rico eles encontrarão campo de actividades altamente remuneradoras, realizando, ao mesmo tempo uma grande obra patriotica de unificação».—(Americana).

Grandes inundações

na California Meridional

LOS ANGELES, 3.—Chuvas torrenciais, que duram varios dias, causaram grandes inundações em toda a California meridional. Todas as comunicações estão interrompidas. Encontram-se completamente isolados do resto do mundo, milhares de habitantes. Outros milhares tiveram de abandonar as suas casas, que em grande parte foram derrubadas pelas aguas. Até agora já se encontraram sete cadáveres. Os prejuizos materiais são enormes. Grandes partes da cidade de Los Angeles, assim como colonias de studios cinematograficos de Hollywood e de Malibu-Beach estão cobertas pelas aguas.—(D. N. B.).

Um atentado em Toquio

contra o chefe do Partido Social

TOQUIO, 3.—Shakaitaiuhuto, presidente do Partido Social, foi atacado esta manhã na sua residencia por quatro desconhecidos e ficou gravemente ferido. Parece tratar-se dum atentado levado a efeito por adversarios politicos.—(D. N. B.).

Rigorosas providencias para manter a ordem

TOQUIO, 3.—Toda a Imprensa publica em grandes letras a noticia do atentado contra a vida do presidente do Partido Social. O Partido Interpelou hoje na Dieta o ministro do Interior, que annunciou providencias muito rigorosas para garantir a ordem e a segurança e proteger os membros do Parlamento.—(D. N. B.).

Funerais e Trasladações

Agencia M. Ferrelra dos Santos
RUA DE ARROIOS, 211 — Telf. 41987
SERVIÇO PERMANENTE

O julgamento de Moscovo

Declaração de Teodoro Dan

PARIS, 3.—A proposito do julgamento de Moscovo, o «Populaire» publica as seguintes declarações de Teodoro Dan, um dos chefes do partido operario social-democrata da Russia (mencheviques): «O odioso documento que se chama o libelo acusatorio no julgamento das novas victimas do terror estaliano não merece a menor refutação. Nesse documento, porém trata-se de mim. Sou indicado como sendo aquele cuja iniciativa e apoio teriam permitido ao antigo commissario bolchevique Tchernov entrar em relações com os serviços alemães de contra-espionagem o que me obriga a declarar categoricamente: Nunca me encontrei com Tchernov em toda a minha vida. Não o conheço e não tenho absolutamente qualquer relação com ele directamente ou por intermedio de interpostas pessoas».

O «Populaire» acrescenta: «Esta declaração do nosso camarada—muito conhecido no nosso partido—dá idéa dos processos singulares empregados por Moscovo».—(Havas)

Prosseguem as conversações

anglo-irlandesas

LONDRES, 3.—Recomeçaram esta manhã no ministério dos Dominios as conversações anglo-irlandesas. Chamberlain e De Valera não estavam presentes.

As conversações incidiram unicamente sobre problemas agricolas. O Primeiro Ministro receberá, ás 16 horas, De Valera na Camara dos Comuns onde ás 17 horas também se efectuará a reunião plenaria dos delegados britânicos.—(Havas).

ELECTRO LISBOA, L. DA

Vende a prestações magnificos
candeeiros electricos, receptores
de radio, ferros de engomar,
fogões, etc.

Reparações em todas as marcas
de receptores

Rua Augusta, 246-248
Telef. 2 0568

UMA LATA DE VERDADEIRAS

Pastilhas VALDA

bem empregada,
e utilizada a proposito
resguardará
vossa Garganta, vossos Bronchios,
vossos Pulmões,
combatendo eficazmente
DEFLUXOS, BRONCHITES,
GRIPPE, ASTHMA,
EMPHYSEMA, etc.

Encontram-se em todas as
Farmacias
EM LATA com o nome
VALDA
Representante H. REYNAUD
LISBOA

Togal

CONTRA OS RESFRIAMENTOS GRIPES, CONSTIPAÇÕES

TOGAL é o remédio de resultados mais seguros. Pode ser tomado com toda a confiança em qualquer idade, pois é inofensivo. Actua rapidamente sem causar prejuizos. TOGAL ataca directamente a origem do mal. À venda em todas as farmácias. Frasco, 10\$00; frasco triplice, 22\$00.

É um produto da Togalwerk - Zürich



T. S. F.
O vosso receptor está avariado?
Confie a sua reparação
ao laboratório
Supersom
Rua da Concelção, 35-1.
Rápido, Económico, Garantido

ULTIMAS NOTICIAS

A Luta de Portugal
Ass. de Soc. Mútuos — Pôr to —
consistência no seu «Fim» um
dos melhores objectivos da Pre-
vidência Social.
Sócio-correspondente — Aurélio
Teixeira — R. Douradores, 21-1.
Tel. 2 7615 LISBOA

A GUERRA CIVIL EM ESPANHA

O conselho de ministros reunido hoje em Burgos resolveu suspender a lei do divórcio na Espanha nacionalista



Um posto de observação instalado pelos nacionalistas entre casas em ruínas, nos arredores de Teruel

BURGOS, 3.—O Conselho de ministros, que durou seis horas, aprovou um decreto que suspende a lei de 2 de março de 1932 relativa à separação de cônjuges e divórcios. Aprovou também decretos que delimitam a competência das autoridades militares e civis quanto à celebração de actos públicos; que concedem soldos suplementares a oficiais superiores, subalternos e ao pessoal auxiliar dos exércitos em campanha, consoante o número de filhos, e que suprimem o Conselho Superior Bancário e criam o Conselho Nacional de Crédito. Fizem-se também as seguintes nomeações: Areiza, chefe do serviço nacional da indústria; Jesus Alfaro, chefe das Comunicações Marítimas; Tariano Perez Ayala, chefe da Jurisdição e Harmonia do Trabalho; Dionisio Rolduejo, chefe do serviço da Propaganda e Esteban Martin, secretário do Serviço Nacional do Trigo.

O governo deliberou igualmente sobre o projecto da Lei da Imprensa. O ministro do Interior, na sua qualidade de chefe da Imprensa e de delegado nacional da Falange, nomeou Pedro Lain chefe editorial do Estado e do partido. O generalíssimo e o ministro do Interior enviaram telegramas a propósito da morte de Gabriel D'Annunzio. O generalíssimo condecorou com a medalha militar o correspondente do «Times», Philby, que foi ferido na mesma ocasião em que morreram outros jornalistas em Teruel. Além disso, vai-lhe entregar as mesmas insignias com que agraciou os seus colegas que morreram. Franco e o ministro do Interior visitaram um hospital de feridos da guerra com os quais conversaram durante duas horas. Os doentes aclamaram-nos entusiasticamente.—(Havas).

As «Tchekas» imperam em Barcelona

PARIS, 3.—Dois subditos franceses que tinham sido presos recentemente pelos bolchevistas espanhóis ao passarem a fronteira catalã, acabam de ser postos em liberdade, graças à intervenção do consul francês em Barcelona.

O «Matin» informa que aqueles franceses verificaram que os potentados de Barcelona estão expostos a um verda-

deiro terror exercido pela policia sovietica. Alguns ministros e altos funcionários, que se encontram sob a vigilância dos «tchekistas» exprimiram o desejo duma vitória nacionalista para serem libertados da opressão sovietica. A secção central da «Tcheka» em Barcelona tem a sua sede na praça de San Jaime. Uns seiscentos franceses encontram-se entre as vítimas da «Tcheka».—(D. N. B.).

Os bombardeamentos aereos

BARCELONA, 3.—Três hidro-aviões insurrectos bombardearam ontem a tarde Almeria, causando 18 mortos, entre os quais 11 crianças, e 7 feridos.—(Havas).

Morreu o padre Santa Maria

MADRID, 3.—Acaba de falecer em Madrid o padre Cypriano Santa Maria, que pertenceu à Capela Real. Conhecido pelas suas idéas republicanas, no advento da Republica foi nomeado capelão privado de Alcalá Zamora. Desde julho de 1936 estava encarregado da preservação das riquezas artisticas da capela do Palacio Nacional. Encontra-se no funeral diversas personalidades oficiais.—(Havas).

O novo barco «Teruel»

SEVILHA, 3.—Custou 75.000 libras esterlinas e não 75.000 pesetas, como a principio se noticiou—o novo barco de guerra oferecido à esquadra nacionalista pelo marquês de Viana e que será baptizado com o nome de «Teruel».—(Especial).

Navio posto a flutuar

GIJON, 3.—O contra-torpedeiro «Giscar», afundado por ocasião do bombardeamento de Gijon pelos nacionalistas, foi posto a flutuar.—(Havas).

O ultimo combate entre aviões vermelhos e navios nacionalistas

BARCELONA, 3.—O Ministerio de Defesa Nacional comunicou: «Como se referiu oportunamente, por ocasião do bombardeamento que os nossos aviões realizaram no dia 22 de fevereiro contra os navios de guerra rebeldes que atacavam Sagunto, o cruzador «Almirante Cervera» foi atingido. Este navio sofreu graves avarias, morrendo 12 membros da sua guarnição e havendo 20 feridos».—(Havas).

A Polónia e a Espanha nacionalista

BILBAO, 3.—Chegou a missão económica posaca, presidida pelo ex-ministro da industria Marzas-Zdziwski, a fim de negociar um acordo sobre trocas comerciais. A missão visitará Salamanca, Burgos e outras cidades.—(Havas).

Negrin não quer o reconhecimento da beligerancia

PARIS, 3.—Segundo informações recebidas de Barcelona, Negrin declarou aos jornalistas que um reconhecimento de beligerantes teria consequências apenas a favor dos nacionalistas, e em prejuizo dos dirigentes vermelhos, pois tal medida compreenderia também o «contrôle» minucioso das fronteiras do país. Isso equivaleria a um esmagamento dos espanhóis sovieticos que, como resulta também das declarações de Negrin, são abastecidos em material de guerra pelas estradas do lado francês.—(D. N. B.).

A retirada dos voluntarios

LONDRES, 3.—Comentando a questão da Espanha, o «Times» escreve que durante estes ultimos dias as possibilidades da politica de não-intervenção melhoraram um pouco. As cinco grandes potencias representadas no «comité» aprovaram em principio o plano britânico sobre a retirada dos voluntarios. Esforçam-se agora por fazer tomadas de contacto informativas com o fim de afastar os ultimos obstáculos que dificultam ainda um acordo completo.

O «Times» cita, como obstaculo principal, as divergencias de vistas sobre o numero de voluntarios a evacuar. O governo sovietico sugeriu a evacuação de vinte mil homens dum lado e doutro. Isso surpreendeu um pouco aqueles que ouviram a declaração de Maisky, quando este disse que no campo vermelho se encontram apenas catorze mil estrangeiros, enquanto no campo nacionalista ha, pelo menos, cem mil! Outras potencias contentar-se-ão provavelmente com a retirada de dez mil homens. Deve ter-se também em conta o custo da evacuação e o do «contrôle» das fronteiras.—(D. N. B.).

Teatro Nacional

Hoje às 21 e 30

Reparação da grandiosa peça-original de RAMADA CURTO

Recompensa

VICTORIA-BAR-DANCING-CABARET

Tel. 21912

A' entrada do Parque Mayer

Tel. 21912

Hoje grande estreia do formidável Ballet

THE 6 FANTL GIRLS COM A FAMOSA ELFRIEDE

MARIA DEL BOSQUE E BALLET LIBERTY

ENTRADA LIVRE

A GUERRA NO ORIENTE

Revolta de soldados manchus no exercito nipónico



O general Shunroku Hata, que sucedeu ao general Matsui no comando das tropas japonesas que operam em territorio chinês

LONDRES, 3.—De Hen-Keu informam a Reuter que os soldados do Manchuko, pertencentes a cinco divisões de tropas japonesas, mongóis e manchus, se revoltaram perto de Paotow, na provincia de Sui-Yuan, e se juntaram aos chineses.—(Havas).

Os guerrilheiros chineses inquietam as autoridades japonesas

LONDRES, 3.—De Pequim comunicam a Reuter que a luta de guerrilhas inquieta seriamente as autoridades japonesas, pois obriga frequentemente a interromper a circulação dos comboios da linha Pequim-Han-Keu. Na segunda feira, um comboio que transportava reforços japoneses derrilhou ao sul de Xin-Xi-Xuan. Morreram diversos soldados nipónicos e houve grande numero de feridos.—(Havas).

As perdas da aviação

TOQUIO, 3.—O Almirantado comunica que as forças aereas da Marinha destruíram desde o principio das hostilidades até 1 de março 764 aviões chineses. A aviação niponica perdeu, durante o mesmo periodo, 73 aviões.—(D. N. B.).

Um protesto dos comerciantes alemães do Changai

CHANGAI, 3.—A Camara de Comercio alemã de Changai protestou contra a pratica constante dos japoneses reterem 10 por cento do ferro pertencente aos importadores estrangeiros e depositados nos entrepostos nipónicos.—(Havas).

JARDIM CINEMA

Sabado, 5 — A's 22 horas

Baile da PINHATA

Hoje — Grandes atrações Internacionais — As 4 vienas musicais Sata Ivis — COLIN — que tanto exito obtiveram no cinema Tivoli, durante as festas do Carnaval. Orquestra Almeida Cruz e a suíça BERT BUELLER. — SABADO e DOMINGO: Grandes bailes da Pinhata. As senhoras mascaradas têm entrada livre.

ARCADIA

COMENTARIOS SIMPLES

PAGINA DE QUINTA-FEIRA

por NORBERTO DE ARAUJO

Outeiro da Bela Vista

Sabado gordo, á noite

Deixo a estrada que leva ao Alentejo e ás fronteiras. Meto o meu velho «Morris» sempre tão fiel todos os estios a nove tostões o quilometro, para o caminho do Monte.

Deixei Lisboa, com tristeza. Porque? Não sei.

A verdade é que—estamos no Entrudo. Ah! Hei de divertir-me. Sim, não falta nada. Um fardo com cobertores, uma mala com livros e papéis (processo de não me afastar em absoluto de Lisboa), um cesto com provisões de boca.

A Beatriz Costa e a Satanela—estão lá á minha espera. Para mim, as duas chegam. Que companheiras! Que companheironas!!

Fica-me para trás a quinta do Porto Covo da Bandeira, e depois a dos Azulejos, de tão gratas recordações.

S. Macario, Vila Nova, a Estrelinha. Alfim, o Outeiro da Bela Vista, de onde se vê uma nesga de rio a noroeste, o Oceano a sul, o olho luzido do Espichel, não tarda um credo.

Não ha duvida nenhuma, nem pode haver: é noite de sabado gordo.

Silencio absoluto! Nem os ralos vivem...

E acorda todo o solar. Oh! Que recepção. Ai vêem os braços esqueleticos e amigos do sr. Raimundo Monteiro Torres. Sua esposa está sob o alpendre: «Tão tarde!»—acusa-me, gentilmente.

—Filha! Não calcula o tempo que perdi nos preparativos. Ai que rico Carnaval que perto de vós vou passar.

O meu «Palacio de Queluz» está preparado a receber-me como se eu trouxera uma comitiva de vinte cavaleiros. As casas de enfiada tem um vago cheiro a solidão, afinal o aroma do pinhal e das acacias que repousa nos relevos das molduras, nos tapetes, nos repositores de lã, nas jarrinhas inocentes do pecado de sumptuaria.

Era fatal: ai estão o «Tayne», que eu ha dois anos condenei á morte, e o «Dily», brutamontes de cauda felpuda, incerto mas meu amigo.

Não janto. ara quê? Se eu o que tenho é apetite de me divertir! Acomodo os livros, estendo papéis, desdubro provas da tipografia. Arrumo no armario holandês as iguarias de lata.

Qual é o meu quarto? «Escolha, a seu gosto»—diz-me a Herminia. Fico no quarto de dois catres nobres—no chamado de D. Carlota Joaquina.

São nove horas. 21 horas em Lisboa, o que deve ser a mesma coisa.

Enfio-me no linho fresco. Para principiar o Entrudo decido ler. O quê? O que meus dedos trouxeram da biblioteca da casa: «Rainhas de Portugal», de Benevides. Estou com a minha gente.

Pelo eter devem caminhar desenfreadas as valsas, os tangos, as serenatas, as rumbas, a estridula vida lisongeira que me limto a imaginar.

Domingo gordo

Das 6 e meia ao meio dia ganhei a manha entre livros. Até o leite que a Herminia deixou ferver tanto a ponto de ficar assado (o que escapou) me sabe a nata pastoril.

Belo Carnaval.

Chegou o Manuel Fernandes, o meu unico companheiro de Lisboa. Nunca vi mocidade mais desenfadada, mais gloriosa de conformação. Exuberante, alegre até á medula, alto, forte, agigantado, pilar de «rugby»; trás livros de medicina par estudar. Mas não o acho capaz dessa fraqueza.

Dou uma volta pelo pinhal. Glorioso dia! No curso do Oceano pas-

sa um paquete que vai para o Brasil. Oh! o Carnaval no Rio de Janeiro!

Se vocês lá soubessem, caboclas bonitas, o que é o Carnaval no Outeiro da Bela Vista!

—E as companheiras?—interroga o Manuel.

Estão á chegar, informa o Dionisio, o rapazito que me serve de «valet de pied». «E vêem bonitas, como novas».

Novas são elas, a Beatriz e a Satanela. A irreverencia do rapaz perdôa-se pelo desconhecimento da mocidade das minhas companheiras. A Satanela, leal é certo, tem os seus caprichos; a Beatriz, não: nunca me fez uma partida.

Não têm o vigor exotico daquelas minhas amigas de verão, a boa Fraulein, alemã, que está constipada, e a Miss, inglezinha elegante, que flirta tanto que adoeceu e está numa casa de saude. Coitadita da Miss...

O Manuel desaparece e fico só. Almoço em familia uma nedias tainhas que o Gaiteiro me trouxe dos anzois do mar da Costa.

Chegam a Beatriz Costa e a Satanela (nunca lhe chamo Luiza desde que a tenho comigo).

Vou-me ao Carnaval. Dia criador. Sol e uma temperatura que sobe a 16°. Quem havia de dizer.

* * *

Metto-me pela Avenida, com as minhas companheiras, uma de cada lado.

Vai linda a Avenida. Pardais, toutinegras, piscos alvadios, pintasilgos de manchas douradas, cias relapsas—cortam esta alameda de velho Passeio Publico, divertidissimas.

Vejo na fita da estrada passar um carro enfeitado: um carro de erva que vai para o gado da Romeira. E outro carro enfeitado de estrume, e outro com lenha seca, para a brazier do sr. Francisco dos Matos. Uma carroça que desce enche-me a alma de alegria com a guizalhada estridula dos animais, divertidos embora não pareçam.

Um cavalo com guisos—que orgulho para uma alimmaria.

Surge o Manuel Fernandes. Não pegou num livro, é claro.

—O' tio, desculpe. Está um dia tão bonito...

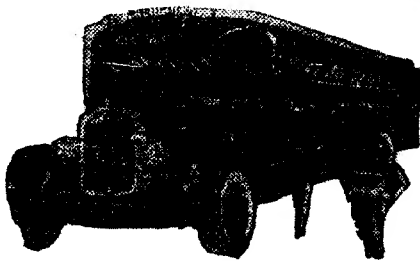
Traz consigo uma companheira salaia, mal agitada mas muito garrida, que lhe cedeu o Daniel, por favor durante os três dias de Carnaval. Acho piada, e a Beatriz e a Satanela sorriem, com superioridade de condição e de formosura.

A quinta da Estrelinha, desolada de aspecto, arvores descarnadas, chão revoltado das enxadas, ausencia de verdes frescos—gosa o seu Carnaval.

As ruas que fazem e cortam a avenida, vão atapetadas de erva do outono, como alamedas de baladas, onde passeiam galgos heraldicos e donzelas sonhadoras de longo vestido de arminho, a arrastar miosotis.

Na nesga do rio passa um transatlantico embandeirado, caminho do Corso.

Os melros na baixa dos platanos desafiam-me; querem Carnaval. Estão contentes como eu, como o Manuel, como a Beatriz, tão agarradinha a mim pelo ombro, como a Satanela a tocar-me nas pernas por pirraça.



Ando, ando quilometros; já fiz esta avenida vinte vezes. De galho para galho a passurada atira piropos de trilos, que são de encantar. Feliz entrudo.

Serpentinas de vôo cruzado, confetti de asas; mais um carro enfeitado carregadinho de pasto para as vacas. Nas orlas dos passeios, onde no verão crescem malmequeres, fazem fila, espreitam, vêem-nos passar, fazem o seu Carnaval—arbustos novos, que não sei o nome, moitas de ortigas, grelos de couves vadias, a arratia meuda dos vegetais da horta, agora que as rosas desapareceram para Nice, levadas no sentimento utilitario deste tempo imbecil de negocios.

Passam dois burros aos pinotes. Valem o 1.º Premio do Corso!

E o dia foi lindo.

Segunda-feira, ultimo dia do mês

O primeiro conceito que me subiu á arguta tóla de escriba e de critico, foi esta: Damião de Góis deu um retrato melhor de Lisboa de quinhentos do que todos os estampadores da epoca: «a pena supera o lapis».

A Beatriz repousa na espregueira de couro da Sala da cana. A Satanela levou-a o Manuel, enfastiado da salda. Não fiquei satisfeito porque o Manuel é bruto, mas é direito. E a Satanela é fiel como uma rapariga de outro tempo.

—Manuel, hoje não ha avenida. Vamos para as arribas do Oceano!

Vai tudo—os quatro companheiros.

Na terra ainda humida das chuvas da semana passada, homens dobrados, como penitenciaros agrilhoados ao solo, abrem cavas. Reluzem as enxadas, no aço pulido.

Ai está um triste Carnaval de condenados em segunda-feira gorda.

Corto quintas nuas, cortelhos sem flor, brejos sem alma; tudo vai desolado e alvacento. Os pinheiros altos acolitam corvos esfomeados, que fojem. Por aqui não se joga o Carnaval. E' uma especie de bairros populares de Lisboa, onde a alegria está doente do peito.

A Beatriz fez das suas, e vai contente comigo e eu com ela. Não falhamos: neste isolamento, nesta quietude espiritual, o pecado cruel, no defeso das convenções—perdoa-se.

Depois, eu trabalhei desde que dealbou. «Anda para o meu ombro, amiga, e deixa lá as considerações fiscais».

E os homens, curvados sobre a terra, cavam, cavam, abrem sulcos, pingam suor que o calor apertou. Um, ergue a cerviz, e num manifesto sacrificio de rins que quebram a postura, encara-me como a um intruso neste seu Calvario da vida, e diz-me, olhando á direita:

—Senhor, muita miseria por aqui...

Não ha duvida—segunda-feira gorda.

* * *

Metto-me ao Funchalinho, para a margem oposta da estrada.

Ai está o «Funchal».

Ah! cão amigo, ha! cão criança! Ah! companheiro!

Lá estão os Cabrais, da ilha de

TRANSPORTES COSTA RAMOS

Domicílio a Domicílio

União concessionaria da carreira entre Lisboa e Porto. Transportes para todo o país. Carros especiais para mobílias.

Porto

Lisboa

R. Guerra Junqueira, 7 R. S. Julião, 34, 36

Telef. 1854

Telef. 2 7200

O Carnaval no Outeiro

S. Miguel, proprietarios—escravos, eles proprios amanhando a fazenda, domíngos, dias santos, natais, e entrudos. Um pai, três filhos, um genro, um cão (que é mais meu que deles) e um burro...

Pombas no pombal. E—andorinhas já nos beirais. O Carnaval aqui é das andorinhas, dos pombos, das galinhas, que parecem espavoridas e afinal estão jogando o seu entrudo com os coelhos sensaborões.

Na quinta dos Padres Inglezinhos—ha fumo na chaminé. Na quinta de Baixo, que traz de renda o José Pequeno, andam também homens curvados sobre a terra. No Cebolal uma ninhada de raparigas—que passaram a noite no bailarico de Vila Nova—catam a terra ainda nas orelhas com brincos de argolas douradas.

E passa sobre esta Avenida da Liberdade rustica um avião—que deita papelinhos de fumo...

Terça-feira gorda de 1938

—Anda, Manuel, ver como se brincava o entrudo ha trinta anos...

E' o «Antonio Maria» do Rafael Bordallo que encontrarei numa gaveta da Sala do Serenim.

E proibiu o governador civil estas graças tão delicadas, estas gracinhas que deitavam os olhos a um lado, e divertiam «imensissimo» a gente!

A Beatriz Costa e a Satanela, em posição horizontal, desafiavam-nos. Fico insensível. Não vim para aqui para estafadeiras. Vim para me divertir.

—A' ufa!—gritava da porta.

Era o José Silva. Uma visita de Lisboa. Agora é que era fatal. Um grande dia de entrudo.

—Passaros á ufa!—grita-me.

—Muito que fazer!—acrescenta o Manuel.

—Vamos a eles, e que a Quaresma leve a historia, os livros, as provas da tipografia.

A Satanela passa a um, a Beatriz a outro, a salaia a outro.

Espantosas espingardas de rapazes pequenos que são tantas vezes os homens grandes!

O José Silva chorou a ausencia da sua Fraulein, que tem um catarro na camara. Enfim, passei-lhe a Beatriz, que está a picar bem, tem o cano pulido, e é um amor de arma de pardais.

Corremos avenidas, alamedas, desvios; o Rossio do Lameiro, a rua do Ouro do Funchalinho, os Restauradores do Cebolal, o Chiodo da Estrelinha. Entramos no «Negresco» da Quinta de Baixo, na «Tendinha» do Inacio, no «Nicola» da Quinta da Aldeia, sempre acompanhados de cães, de melros, de andorinhas, de pardais espertalhões que lá «cairem» não era com eles, de borboletas brancas como confetti branco, e divertidissimos felizes, moços, cheios de generosidade e de optimismo—reentrando no Palacio de Queluz do Outeiro da Bela Vista.

Lá estava a minha familia! A petiza mais nova encheu a eira de serpentinas, o chão de papelinhos, jogou saquinhos com o «Tayne», com o «Dily», com os patos, com a «Paloma»; a mais velha brincou o jogo do noivado consigo propria—e foi um encanto. Uma surpresa.

No Maxim's, com o sr. Raimundo Torres e sua amavel esposa a presidirem, jantamos que nem ingleses a bordo do «Queen Mary», assistimos ao baile dos cães desahindos como homens, e recolhemos a impressão de que o Carnaval cada um o traz consigo—e o goza conforme a alma para aí está virada.

—Passaste bem estes dias?—perguntou minha mulher.

—Em paz, com Deus, comigo, e com o resto da humanidade.

NORBERTO DE ARAUJO

Legião Portuguesa

Os legionários n.º 209, José Conceição Novais Teles; 197, Augusto Santos Pais Nunes; 179, Luiz Ferreira Leite Machado; 176, Luiz Simões; 175, Argentino dos Santos; 170, Mario Leitão; 167, Lermindo Meireles; 163, Manuel Maria Salgueiro; 162, Manuel José Mendes; 139, Alvaro dos Santos Pires Moreira; 136, Oscar Alberto Sousa e Almeida; 135, Manuel Maria de Abreu Faria; 117, Antonio Luiz Coelho; 107, Germano Abilio da Costa Saraiya; 99, Carlos do Carmo Azedo; 97, Jorge da Cunha Teixeira; 89, Abilio Alves Pinto; 77, Agostinho Conceição Martins e 69, Fernando Pedrosa, devem comparecer na sede do Batalhão n.º 8, quartel do Coboço de Bola, no próximo dia 5, pelas 18 e 30, para assunto de serviço.

Escola de Graduados de Cavalaria n.º 2

No comando distrital da «Legião Portuguesa» devem comparecer de 3 a 8 do corrente os seguintes legionários que frequentaram a Escola de Graduados de Cavalaria n.º 2: Francisco Henrique Rodrigues, José Cosmelo Cancela, Henrique Osório de Castro, José de Castro Lopes Mendonça, Francisco Pires Blanc, José da Fonseca e Garcia, Eugénio M. Correia, José Marques de Almeida, Cipriano Calais, Francisco de Melo Breyner, Artur Boneville Franco, Fernando M. Alves Machado, Tomé Diniz Claro Delicado, Frederico de Macedo Santos, Eduardo Correia de Barros, Manuel Ferreira Rosa, Augusto Rebelo de Andrade, Eurico José de Loureiro de Amaral, Fausto de Almeida de Alcantara Carneira, José Bernardino Duarte de Figueiredo, José Jaime Neves, Francisco José Ferreira Medeiros Galvão, Antonio Manuel Bayona de Bivar, Henrique Torres Leote Tavares, Amandio Cardoso Rebelo, Alfredo José de Lorena Oliveira Berne, Amílcar Lisardo Chambeil, José Araújo, Fernando Antero dos Santos Mosqueira, Adriano Pimenta da Gama, Adolfo Henrique de Lemos Moller, Antonio Ladislau Durão Ferreira, Alberto Lima Sousa Rego, Manuel Paulo Nogueira, Luiz Burnay, Mario Antonio Simões dos Reis, Luiz da Camara Pinto Coelho, Francisco Diniz, Adolfo Andrade, Antonio Linhares de Lima e Luiz Maria Lopes da Fonseca.

NOTÍCIAS DE VILA DO CONDE

VILA DO CONDE, 1.—O piso da ponte sobre o rio Ave, nesta vila de paralelepípedos de madeira e já bastante gastos. Ultimamente, em dias sucessivos, uns oito automóveis, quando atravessavam a ponte, «derraparam» e foram de encontro às guardas de malha de ferro, ledo poente, produzindo-lhes grossas avarias que estão a ser reparadas. Todos os carros, que embateram contra as guardas da ponte, ficaram mais ou menos avariados, tendo a um deles saltado o pára-choques que foi cair ao rio. Só por muita felicidade é que não houve desastres pessoais a lamentar.

—Vila do Conde está quasi da posse de um melhoramento de certa importância. Queremos referir a construção de um pequeno troço de estrada que, partindo de junto do edificio da Escola Primária sita em frente ao Monumento dos Mortos da Grande Guerra, seguindo em declive suave pelo velho caminho que leva o publico á Ponte de S. João, e atravessando a cerca do Mosteiro de Santa Clara, vai ter o seu termo no Monte, em frente á Igreja do antigo Convento, donde se disfruta um panorama surpreendente. A construção desta pequena estrada foi feita quasi em segredo e muita gente desta vila se surpreende ao contemplar a obra que amigos dedicados de Vila do Conde levaram a efeito, quasi sem se dar por isso. A terraplanagem está muito adiantada e bem assim os muros de suporte e não será demais afirmar que já na época balnear do presente ano, os que vierem de visita a esta linda terra, terão ensejo de transitar pela nova arteria ao dirigirem-se ao Monte.

—No ultimo sabado, 26, cerca das 20 horas, ruíu a parte superior do muro voltado ao nascente que circunda o recreio dos internados do «Reformatório» que, como é sabido, está instalado no majestoso edificio do Convento de Santa Clara. Felizmente, a essa hora, já não trabalhava nas obras de terraplanagem da estrada nenhum trabalhador, do contrario ter-se-ia hoje a lamentar uma grande desgraça, pois o muro derruido tinha uma grande extensão e era precisamente neste ponto que se encontrava um certo numero de operarios a tirar saibro.

—Devido a dificuldades de ordem financeira, a Mesa da Ordem Terceira de S. Francisco, desta vila, resolveu que não saísse este ano a majestosa Procissão de Cinzas. A preocupação do seu desvelado ministro, Firmino Gomes da Silva, está na sustentação do Azilo anexo á Ordem Terceira onde se albergam mais de 30 velhinhos de ambos os sexos. E sendo escasos os seus rendimentos, e não sendo excessiva a generosidade daqueles que tendo muito podiam dar um pouco do que lhes sobra ás suas mesas, a Ordem Terceira de S. Francisco restringe ao minimo as despesas que tem a fazer, sabido que, para se pôr na rua a Procissão de Cinzas, são necessarios alguns milhares de escudos.

Leiam ás quintas-feiras o jornal humorístico SEMPRE FIXE.

FIGURAS EUROPEIAS

Anthony Eden

Anthony Eden é o ministro dos Negocios Estrangeiros da Grã-Bretanha mais novo desde 1851; os ministros dos Negocios Estrangeiros deste país residem, em geral, em pomposas moradias oficiais; Eden vive na sua residência particular, como qualquer M. P. vulgar ou seja membro do parlamento britânico.

Segundo os costumes ingleses, não se levanta este ministro demasiadamente cedo e o seu trabalho começa, no seu ministério, ás 10 horas da manhã.

As paredes do seu gabinete de trabalho, espaçoso e severo, são adornadas, apenas, com uns ligeiros filetes dourados, que interrompem graciosamente a sua frieza imponente. Dá ingresso ao gabinete, a «Sala de Espera dos Embaixadores», atapetada com um espesso tapete encarnado, no gosto inglês. Em um dia pisaram o fôfo tapete 12 embaixadores e 35 ministros plenipotenciários: nesse dia fixou-se o mais alto «récord». Antes de começar a receber os visitantes, o ministro lê rapidamente o conteúdo das celebres pastas de marroquim encarnado, que se amontoam todas as manhãs sobre a sua colossal secretária. Essas pastas fechadas cuidadosamente encerram os relatórios diários dos representantes do país no estrangeiro. Os relatórios são copiados e distribuídos devidamente e as dactilografistas, que os lêem e copiam, são ajuramentadas para que conservem o seu conteúdo no mais absoluto sigilo.

Logo que o visitante deu por terminada a sua conversa com o ministro e se afasta, aquele dita, também a uma dactilografista, o resumo da entrevista e o resumo é enviado imediatamente ao representante da Inglaterra no país, que o visitante representa: se foi por exemplo Ribbentrop o visitante o resumo é enviado ao embaixador inglês em Berlim. Eden não tem muita confiança na sua memória e por isso fixa por escrito o conteúdo das entrevistas, logo após a sua realização; outros ministros têm havido que, só no fim do dia, fazem a recapitulação de todas as entrevistas. Entre cada visitante o criado traz um copo de agua, porque Eden cuida muito da sua garganta e tem má respiração. Raras vezes se pode ausentar do ministério a tempo de almoçar com a esposa e os dois filhos, Simão e Nicolau, que receberam os nomes dos dois irmãos de Eden, mortos na Grande Guerra. Almoça então no restaurante do parlamento e a miúdo convivia á sua mesa, altas individualidades, com quem conversa de politica. De tarde, quando não assiste ás sessões do parlamento, o trabalho recomeça no ministério. Ao começo da sua carreira politica Eden tinha por habito escrever os seus discursos na integra e lia-os depois; hoje apenas lhe bastam algumas notas; mas Eden está muito longe do que se pode chamar «um orador». Quando as crises politicas fazem estremecer o mundo, como foi a conquista da Abissinia pela Italia ou o funcionamento da comissão de não-intervenção em Espanha, intensifica-se profundamente o trabalho do ministro. O que esse trabalho significa disse-o a esposa de Eden por ocasião da ocupação renana pela

Alemanha: «Na segunda-feira, em que se deu o acontecimento, meu marido trabalhou, sem interrupção, desde as 10 horas da manhã á 1 hora da noite; na terça-feira, desde as 10 até ás 2 da noite; na quarta-feira, desde as 10 ás 4 horas da madrugada». Bem humorado, assistindo á noite, de casa, a um banquete dizia a um amigo: «E' verdade que sou o ministro dos Negocios Estrangeiros mais novo do meu país desde 1851; diz-me o meu horoscopo que nunca chegarei a primeiro ministro; serei talvez um dia vice-rei da India, mas ha tanto tempo que não jogo uma partida de «tennis»... O «tennis» é o seu desporto favorito e, ao contrario de muitos dos seus conterraneos ele detesta os exercicios venatorios. Eden é considerado um modelo de elegancia britânica, mas a mãe dizia a alguém: «O meu filho é tido pelo homem que melhor se veste na Inglaterra; quando era novo era bem desmazelado no vestir». Em Praga e em Viena os chapeleiros criaram o chapéu á «Eden»; os alfaiates de Oslo e Copenhagen inventaram um novo corte de fato completo de homem á «Eden» e o seu jardineiro produziu uma nova «nuance» de branco nos gladiolos, que denominou á «Eden» e este, radiante, aplaudia o seu jardineiro com entusiasmo, porque o branco é a sua cor favorita e porque o branco é a cor que simboliza a paz, que ele se esforça por alcançar. Se por acaso os afazeres lhe dão uma noite de liberdade, aproveita-a indo dançar com a esposa para algum restaurante da moda ou procurando os antigos companheiros e amigos, escritores e artistas, na sua maioria. Além de amigos poderosos no «Times» e no «Daily Telegraph», Eden tem os seus antigos camaradas a quem se conserva fiel e quando se encontram recomeçam as antigas discussões com calor e paixão, sobre pintura e pintores modernos. Foi com alegria que chegou ao conhecimento de amigos e do publico inglês, em geral, no verão passado, por meio da imprensa periodica, de que Sir Gervase Beckett, sogro de Eden e director do Banco de Westminster, tinha oferecido ao genero, para dinheiro de algibeira, a bagatela de cinco mil libras e o melhor quadro da sua afamada galeria de pintura. As três filhas de Sir Gervase receberam nessa ocasião o bonito presente, que o pai lhes fez, de meio milhão de libras esterlinas para distribuirem entre si.

Ao domingo, se Eden tem uns momentos livres, passa-os na «National Gallery» em busca de alguma nova aquisição ou para admirar mais uma vez as obras primas dos antigos mestres. Eden era um frequentador assiduo do museu britânico; hoje, como é natural, as suas visitas são mais raras. Eden é também um orientalista e conhece o persa, antigo e moderno, e fala-o.

ADOLFO BENARUS

Hipismo

Para prosseguimento da disputa da taça «Sociedade Hipica Portuguesa», realizam-se no domingo, ás 15 e 30, no hipódromo do Jockey Club, duas «poules» hipicas promovidas por aquela Sociedade, que como as antecedentes prometem ser muito animadas.



Peões! Nas ruas ou passeios, quando marchem em sentido contrario, dêem sempre a es. querda uns aos outros.

Aprendam a andar!

Os saltos e as solas «Enfim», nacionais, rivalisam com as melhores marcas estrangeiras e são mais baratos. Aprendam a calçar!

O dia religioso

AMANHÃ, 4.—S. Casimiro, confessor.

Lausperene, sai da igreja de S. Vicente para a da Ordem Terceira de S. Francisco a Jesus.

S. Vicente, ás 11 e 30, missa, por musica, da reposição e benção.

S. Francisco a Jesus, ás 11, missa solene; ás 18, Terço de benditos. Graça, ás 11, missa, no altar do Senhor dos Passos. Exposição da imagem do Senhor dos Passos nas igrejas do costume.

Mundanismo

ANIVERSARIOS

Fazem amanhã anos as senhoras:

D. Maria do Carmo da Nazaré Cabral da Camara, D. Vera de Moraes Sarmento Cohen, D. Guilhermina Maria de Vasconcelos e Sousa e D. Maria do Carmo de Barros e Vasconcelos (Real Agradão).

CASAMENTOS

Para seu filho e sobrinho, o distinto capitão de engenharia sr. Manuel Teles da Costa Monteiro, foi pedida em casamento pelas sr.ªs D. Palmira Teles da Costa Monteiro e senhora do general Casimiro Teles, a sr.ª D. Maria Francisca de Paula de Meireles e Vasconcelos, gentil filha da sr.ª D. Sara Viana de Meireles e Vasconcelos, e do sr. Antonio Maria de Meireles e Vasconcelos, devendo a cerimonia realizar-se por todo o corrente ano.

—Consociaram-se no dia 26 de fevereiro proximo passado na risonha aldeia da Branca, o sr. dr. Antonio Pinto Ribeiro, distintissimo medico da Companhia do Borôr, filho do sr. Artur da Silva Ribeiro, conceituado capitalista, e da sr.ª D. Margarida Pereira Pinto Ribeiro, com a sr.ª D. Ligia Fernandes de Albuquerque, gentilissima filha do nosso amigo, sr. Eduardo Freire de Albuquerque e da sr.ª D. Aurora Lira Fernandes de Albuquerque. A cerimonia religiosa efectuou-se na linda igreja da aldeia, sendo celebrante o Reverendo Pároco da freguesia. Os noivos receberam lindas e valiosas prendas. Aos noivos e seus pais enviamos os nossos sinceros parabens.

A CARIDADE

Tarde de Cinema

E' finalmente no cinema Odeon, que se realiza na tarde do dia 23 do corrente, a annunciada festa de caridade que uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade leva a efeito a favor dos pobres da freguesia das Mercês, estando o programa de filmes a ser elaborado com verdadeiro criterio artistico.

DOENTES

Foi operado com muito exito pelo distinto cirurgião sr. dr. Bastos Gonçalves o sr. José Leal da Fonseca.

Baton «MICHEL»

Michel, o baton que tanto tem agradado pela beleza e sensação de frescura que dá aos labios, e ainda mais pela sua rara aderencia, apresenta sete lindas nuances em três tamanhos e três preços surpreendentes: Pequeno 3\$00, normal 9\$50 e luxo 26\$00.

VIDA ARTISTICA

D. Eduarda Lapa vai expôr no Porto

No dia 11 do corrente é inaugurada no Salão Silva Porto, no Porto, uma nova exposição da illustre pintora D. Eduarda Lapa, artista consagrada na difficil confecção de flores, que realiza com admiravel expressão pictural.

D. Eduarda Lapa, leva a este certame, nos quarenta e quatro trabalhos—pastel, oleo e desenho—uma nova modalidade, a pintura das «aguas paradas».

Para assistir ao acto da abertura da exposição foram convidadas as individualidades mais em destaque nos meios literario, artistico, científico e social do Porto.

Uma nova exposição da artista «Bya»

O Porto vai conhecer dentro de poucos dias, a illustradora distinta que é D. Beatriz Camacho de Aguiar, conhecida pela designação artistica de «Bya», através da sua notavel exposição de encadernações de arte—que há tempos esteve patente na sucursal do Rossio do nosso colega «O Seculo». A illustre artista apresentará entre outros trabalhos, uma valiosa encadernação de um livro cuja venda reverterá a favor dos pobres do Porto.

A exposição é inaugurada no dia 11 do corrente, no Salão Silva Porto.

TAUROMAQUIA

Simão da Veiga, no Mexico

O cavaleiro Simão da Veiga Junior toureou domingo de Carnaval em Guadalajara, uma das principais cidades do Mexico, lidando dois touros da ganadaria de Laguna com tal exito que foi aplaudido em duas voltas á praça e depois chamado ao meio da arena.

Simão da Veiga Junior, que deve regressar a Lisboa no proximo mês de abril, vai ser festejado pelos seus amigos e admiradores num monumental banquete que se realizará no Club Maxim's e para o qual será brevemente aberta a inscrição.

ACTUALIDADES GRAFICAS

A hora da oração



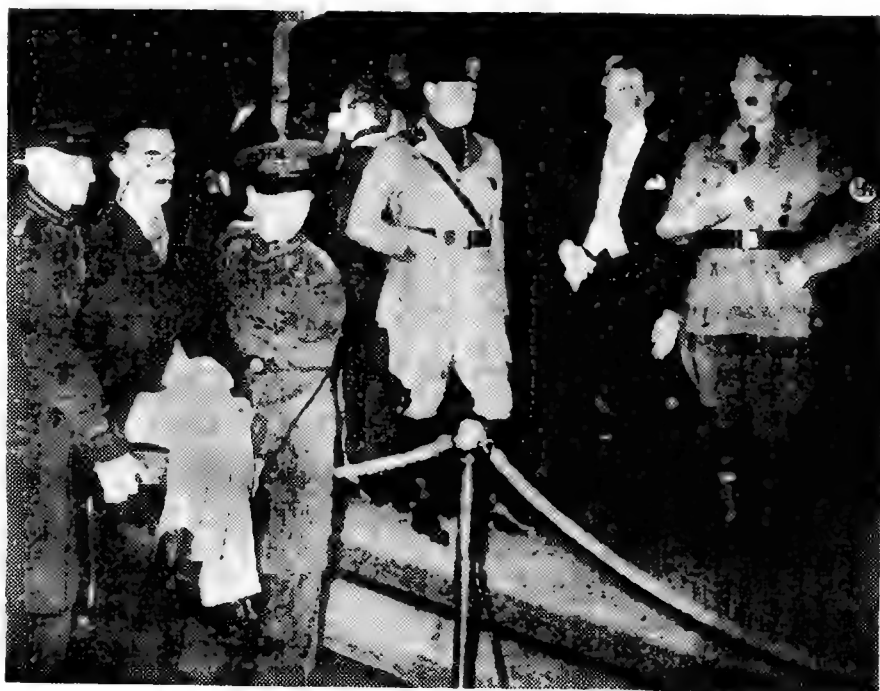
Durante uma cerimonia religiosa em Calcutá, os fiéis prostram-se em adoração aos seus deuses, tocando a terra com a cabeça, em sinal de humildade

Cenas da vida de Madrid



A-pesar-dos bombardeamentos intensos de que Madrid era alvo, a vida prosseguia por detrás das barricadas. Agora, foi dada ordem á população civil para evacuar completamente a cidade

Figuras de cêra



Em Londres há também uma especie de Museu Grévin, onde se reúnem, como no de Paris, as maiores celebridades mundiaes. Quando alguma das figuras expostas deixa, porém, de exercer as altas funções que lhe estavam confiadas, recolhe modestamente ao armazem. Foi o que succedeu agora a Anthony Eden

O inverno e a guerra



Debaixo da neve que cai com abundancia, os soldados japoneses atravessam uma aldeia chinesa em direcção á frente de batalha



Os chineses fizeram saltar a grande ponte do caminho de ferro sobre o rio Amarelo, ao aproximar-se o avanço das tropas japonesas. E' sobre a superficie gelada do rio que os japoneses passam agora para a outra margem, enquanto no primeiro plano carregadores chineses ao serviço do exercito invasor aguardam o momento de atravessar o rio



No norte da China ficaram sem abrigo em consequencia da invasão japonesa perto de 3 milhões de chineses que vieram as suas casas destruidas e os seus pobres haveres inutilizados. Agora os japoneses que têm de os alimentar, depois de concentrados em campos protegidos por vedações de arame farpado

CARTAZ

TEATROS

NACIONAL—A's 21 e 30—«Recompensas»
MARIA VITORIA—A's 20 e 30 e ás 23—«A
Praça da Alegria»
VARIEDADES—A's 20 e 30 e ás 23—«Olaré,
quem brinca!»

CINEMAS

S. LUIZ—A's 21 e 30.
TIVOLI—A's 21 e 30.
POLITEAMA—A's 21 e 30.
TRINDADE—A's 21 e 30.
CAPITOLIO—A's 21.
CENTRAL—A's 21 e 30.
CHIADO TERRASSE—A's 21 e 15,
CONDES—A's 21 e 30.
LYS—A's 21 e 15.
ODEON—A's 21 e 15.
OLIMPIA—A's 14 e 30 e ás 21.
PALACIO—A's 21 e 30.
PARIS—A's 21 e 30.
REX—A's 21.
ROYAL—A's 21.
SALÃO IDEAL—Rua do Loreto.

Preservar STOPSTARA nos cadernos de
encargos, é ter a certeza de se dotarem as
respectivas obras, com UM PRODUTO DE
GRANDE CLASSE!

Defender as clareiras com STOPSTARA,
é a melhor protecção, contra os efeitos per-
niciosos da chuva, nas respectivas arma-
ções de ferro.

Pode dar muitas referencias, o importa-
dor Antonio Augusto Pedrosa.
R. Arco do Cego, 38, 1.º, D.º — T. 4 0323

POLICLINICA DA RUA DO OURO

Entrada: Rua do Carmo, 58, 2.º — Telefone 2 6195
Dr. Armando N. so—Medicina, Cora-
ção e pulmões—5 h.
Dr. Bernardo Vilar—Cirurgia Geral,
op.ções—5 h.
Dr. Miguel de Magalhães—Rins e vias
urinarias—12 ás 2 h.
Dr. Correia de Figueiredo—Pele e sifi-
lis—5
Dr. Loff—Doenças nervosas, electrote-
rapia—2 h.
Dr. Mario de Matos—Doenças dos
olhos—2 h.
Dr. Mendes Bello—Estomago, figado e
intestinos, 3 h.
Dr. Silva Nunes—Doenças das crian-
ças—5 e 30.
Dr. Casimiro Afonso—Doenças das se-
nhoras, operações—2 h.
Dr. Francisco Calheiros—Garganta,
nariz e ouvidos—4 h.
Dr. A. Carvalho Dias—Nutrição e im-
munição—4 h.
Dr. Armando Lima—Boca e dentes,
protese—12 h.
Dr. A. Saldanha—Ralo X—4 h.
ANEXOS CLINICAS

TRIBUNAL JUDICIAL DA 8.ª VARA

Por este Tribunal, cartorio da 3.ª
secção, correm editos de 30 dias a con-
tar da publicação do ultimo anuncio,
citando Oliveira & Santos, Limitada,
com sede nesta cidade na Rua Cast-
elo Branco Saraiva, letras J. J. B., loja,
para no prazo de 5 dias posteriores ao
dos editos impugnar, querendo, a ac-
ção de despejo que contra ela move
Antonio Pereira, com a cominação de,
não impugnando no prazo legal, se
considerar, ipso-facto, confessado o
despejo. Lisboa, 23 de fevereiro de 1938.
O chefe da secção.—Augusto Cardoso.
Verifiquei—O Juiz de Direito.—C. San-
tiago.

Companhia dos Caminhos de Ferro
Portugueses

Sociedade Anonima de Responsabilidade
Limitada

SERVIÇO DO MOVIMENTO

Repartição de Reclamações e Leilões

LEILÃO

Em 21 de março p. f.º e dias seguintes, ás 11
horas na estação desta Companhia em Lisboa,
Cais dos Soldados, e em virtude do Aviso ao
Publico A.º 134 de 25 de Julho de 1937, do
Artigo 114.º da Tarifa Geral e do Artigo 8.º
da Tarifa de Despesas Accessorias, proceder-se-á
a venda em hasta publica de todas as remessas
incursas nos respectivos prazos bem como de
outros volumes não reclamados.

Avisam-se, portanto, os respectivos consigna-
tarios, de que poderão ainda retirar-los, pagando
o seu debito á Companhia, pelo que terão de
dirigir-se ao Serviço do Movimento, Reparti-
ção de Reclamações e Leilões na estação do
Cais dos Soldados, todos os dias uteis até 19 de
Março das 10 ás 17 horas.

O leilão realiza-se no Armazem situado ao
fim do molhe n.º 5 da referida estação de Lis-
boa, com serventia pela porta existente na ram-
pa da calçada de Santa Apolonia, defronte do
gradeamento.

Lisboa, 23 de Fevereiro de 1938.

O Director Geral da Companhia
A. de Lima Henriques

M.ª Campos apresenta



beleza — mocidade

Estou com aparelho e tubo de creme
(amostra) Esc. 35\$00

Estou com aparelho e tubo de creme
(grande) Esc. 45\$00

Os nossos produtos encontram-se á venda nas boas casas ou enviam-se contra reembolso para as localidades
que os não tenham.

BELOSAN

UM APARELHO DE MASSAGEM
SENDO V. EX.ª

A SUA PRÓPRIA MASSAGISTA

BELOSAN dá massagem aos músculos
e amacia a epiderme.
BELOSAN rejuvenesce a pele, torna-a
flexível e assestada.
BELOSAN é superior a qualquer dos
cosméticos artificiais.
BELOSAN evita rugas, espinhas e irre-
gularidades da pele.
BELOSAN é pratico, manual e facil-
mente se pode usar.
BELOSAN provoca e assegura a acção
e eficacia do creme.
BELOSAN surpreende e entusiasma
pelos seus bons efeitos.

SALÕES DE ESTÉTICA E DE TRATAMENTOS
DE BELEZA POR PROCESSOS CIENTÍFICOS

ACADEMIA CIENTIFICA DE BELEZA
TELEF. 21846 — AVENIDA DA LIBERDADE, 35 — LISBOA



"CISTÉR"

Farinha lactea

PREMIADA com 3 me-
dalhas de ouro nas Ex-
posições de: Sevilha,
1929; Colonial de Paris
1931 e Industrial Portu-
guesa de 1932.

Pedir em toda a parte

CAPRISTANO & FERREIRA, L.ª

BOMBARRAL

Horarios das carreiras de auto-carros

Lisboa-Caldas da Rainha-Leiria	7,00 — 12,30 — 16,30
Lisboa-Bombarral-Peniche	7,30 — 14,30 — 17,30
Lisboa-Nazaré-Alcobaça	8,30 — 14,30 — 19,45
Lisboa-Nazaré	17,30
Lisboa-Lourinhã-Bombarral	18,30
Nazaré-Lisboa	6,30
Peniche-Bombarral-Lisboa	6,55 — 8,10 — 10,50
Leiria-Caldas da Rainha-Lisboa	14,35 — 15,20
Alcobaça-Nazaré-Lisboa	7,50 — 15,00 — 19,00
Bombarral-Lourinhã-Lisboa	7,35 — 10,05 — 14,35
Peniche-Torres Vedras-Lisboa	7,50
Peniche-Caldas da Rainha-Santarem	8,45 — 16,00
Peniche-Caldas da Rainha	8,10 — 10,50 — 15,20
Caldas da Rainha-Peniche	6,55 — 19,50
Torres Vedras-Peniche	9,25 — 21,55
Santarem-Caldas da Rainha-Peniche	11,20 — 19,50
Santarem-Rio Maior-Nazaré	9,15 — 13,50 — 18,00
Nazaré-Rio Maior-Santarem	8,40 — 19,30
Rio Maior-Santarem	7,20 — 15,45
Santarem-Rio Maior	6,50
Leiria-Caldas da Rainha-Azambuja	21,00
Azambuja-Caldas da Rainha-Leiria	8,55 — 15,55
	7,45 — 20,05

Partidas de Lisboa para o Porto 7,00 Partidas do Porto para Lisboa 7,40
FILIAL EM LISBOA — Largo de S. Domingos, 11-A — Telefone 2 1003

STUDEBAKER 1937

Conduite de 6 cilindros, com equipamento completo de luxo. Pouca
kilometragem. Vende-se com garantia
Rua do Crucifixo, 57 — LISBOA

Automobilistas — T. S. F.

Philco — Delco — Motorola — Phillips
Os melhores auto-rádios do mundo—Equipam-
de fabrica todos os automoveis americanos e
europeus—Montagens como as de fabrica (sem
supressoras)—Quadrantes e antenas para cada
tipo de carro—Reparações rápidas por pessoa
especializada — Distribuidor exclusivo:

Julio Coelho

Rua Rodrigo da Fonseca 81, D. (Ao Parque)
Telef. 4 2789

Wolfranio e Estanho

Vende A. Nunes

BEIRA ALTA — MELO

FOOTBALL EM COIMBRA

No proximo domingo, pelas 15 horas, jogam
em Coimbra o Benfica e a Associação Aca-
demica. Por esse motivo a C. P. organiza um
comboio especial de ida e volta áquella cidade,
ao preço de 49\$50 em 2.ª classe, e 33\$00 em
3.ª. Brevemente será publicado o horario. A
inscrição e marcação de lugares faz-se nas In-
formações da estação do Rossio.



Flora de Carcavelos

Quinta dos Lombos
CARCAVELOS

Roseiras fruteiras ar-
voredas florestais,
Plantas de sala, etc.
Constroem-se e trans-

formam-se jardins e Pomares.

Catalogo grátis

Serviço especial para o Algarve

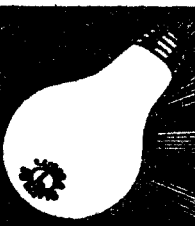
A C. P. avisa o publico de que continuam á
venda até 10 de março os bilhetes especiais com
45 % de redução das estações abaixo ao Al-
garve e volta aos seguintes preços: De Regua,
357\$00 e 258\$00, respectivamente em 1.ª e 2.ª
classes; de Viana do Castelo, 347\$00 e 252\$00;
de Braga, 336\$00 e 243\$00; do Porto, 316\$00
e 228\$00; de Aveiro, 287\$00 e 208\$00; de
Coimbra, 265\$00 e 192\$00; da Figueira da Foz,
265\$00 e 192\$00; de Leiria, 238\$00 e 174\$00;
das Caldas da Rainha, 215\$00 e 157\$00; da
Covilhã, 298\$00 e 216\$00; de Elvas, 283\$00 e
205\$00; de Portalegre, 263\$00 e 191\$00;
Santarem, 203\$00 e 149\$00; de Lisboa, 169\$00
e 125\$00; de Evora, 159\$00 e 117\$00. De qual-
quer outra estação requisitá-los ao Serviço de
Turismo da C. P.

Estes bilhetes permitem parar, á ida e á vol-
ta, em todas as estações do Algarve a partir
de Messines-Alte e os da provincia (excepto os
de Evora) também em Lisboa.

Validade—Lisboa e Evora 10 dias; das outras
estações 15 dias.

DO PRINCÍPIO AO
FIM

Uma lâmpada é boa
quando durante toda a
sua duração conserva
uma potência luminosa
uniforme. A lâmpada
LUSTRA satisfaz ple-
namente a esta condi-
ção. Prefira-a.



Distribuidores:
António José Fernandes, L.ª

44, Rua dos Remolares, 48 — LISBOA

Policlinica Central de Lisboa

FUNDADA EM 1905 para as classes pobres

Praça Luiz de Camões, 22, 2.º, E. — Telefone 2 2740

Prof. Borges de Sousa—Doenças dos olhos 11 h.

João Manuel Bastos—Rins e aparelho urinário

11 h.

Prof. Egas Moniz—Nervosas e mentais, 15 h.

Prof. Carlos Salazar de Sousa—Doenças das

crianças, 14 h.

Dr. A. Burquete—Estomago e intestinos, 13 h.

Dr. Santana Leite—Ouvidos, nariz, garganta 14 h.

Dr. Craveiro Lopes (filho)—Doenças da pele e

sifilis, 14 h.

Prof. Eduardo Coelho—Medicina geral, cora-
ção e pulmões, 12 h.

Dr. Torres Pereira—Cirurgia geral, 15 h.

Dr. Oliveira Luzes—Diatermia, raios ultra-vio-
letas, maçagens, etc., 12 ás 14 h.

Dr. Freitas Simões—Doenças das senhoras 16 h.

Dr. Tiago Marques—Boca e dentes, 11 h.

Dr. M. Martins de Queiroz—Doenças da cir-
culação e nutrição ás 16 h.

Dr. Custodio Teixeira—Análises clinicas.

DUPLOS

não confundir
com
Justo

O atacador "Duplos"



REG. U. S. PAT. OFF.

PEGAMOIDES E LONAS

Material manufacturado
pelos fabricantes do



para estofos, capotas e
decorações.

Venda por grosso e a retalho.

BETHENCOURT BROS, LTD.

Rua Aurea, 132-138 — LISBOA

SORIA, LDA.

Rua Sô da Bandeira, 214-216 — PORTO

Diário de Lisboa

Suplemento literário

DIRECTOR: JOAQUIM MANO—PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
Redacção, Composição e Impressão: Rua Luz Soriano, 44, LISBOA — Telefone 20271

Camões astrologico

pelo prof. dr. Ricardo Jorge

—Estavamos (1) ás voltas com Saturno, o indigitado malfetor da sorte de Camões, que o traz a pêlo na sua lirica, apenas por incidencia mitologica. Descubro-lhe o rasto nas Oitavas II, quando o poeta se dirige a Platão:

..... E reparies
Tão mal do estudo as breves horas
Que enfim do falso Crono o filho adoras?

Para os gregos, Saturno era filho de Kronos, o deus do tempo.

Na Egloga II lá aparece expressamente, a proposito do «tempo caro e excelente» da «idade de ouro», em que a gente vivia feliz, sem trabalho, porque «supria então Natura o necessario».

Pois quem foi tão contrario a esta vida?
Saturno, que, perdida a luz serena,
Causou que, em dura pena desterrado,
Fosse do ieu lançado onde vivia,
Porque os filhos comia que gerava.

Alusão ao mito de Saturno que, tendo para reinar matado o pai Kronos, deu em devorar os filhos para não deixar quem lhe viesse a fazer o mesmo. A mulher, porém, conseguiu encobrir-lhe o filho Zeus que atriou com o pai do céu para fora. O reinado de Saturno (*saturnia regna* de Verg.) foi a época da idade de ouro: com o seu sucessor Zeus advieram as outras idades de «baixo metal» até á final de ferro:

Por isso se mudava o tempo igual
Em mais baixo metal, e assim descendo
Nos veio enfim trazendo a este estado.

O nos entende-se com os homens em geral, a gente infelicitada pela queda de Saturno a pôr ponto á idade dourada. Ha outras versões míticas discordantes; Camões adoptou esta de origem helenica e apresentou-a simples e clara, sem sombra doutro entendimento.

Nada pois de astromancia a que sirva de base o saturnismo, inculcado sem péga nenhuma. Estamos daí arrumados, não é assim?

—E Marte, e Venus, e o Sol, e a Lua? Não repara que veio o céu quasi todo abaixo? Que quer fazer a esta catorza de planetas?!

—Coisa nenhuma. Deixá-los estar onde Camões os plantou, sempre pagamente. Marte, «o fero, o rudo»—Venus a «bela», com ou sem o «menino cego», porque o poeta separa a mãe do crio, ao castigar a corrupta Babilonia da nossa India:

Cá donde o puro Amor não tem valia,
Que a Mãe que manda mais, tudo profana.

Son. 167

O Sol, esse esplende no rosto das beldades e Apolo ostenta-se com o cortejo das nove musas no preparo ritual da poesia classica.

E a Lua? Na lua dos namorados vagava o pobre citaredo e pela lua também topeta o frontal dos que, ao lembrar-no, devaneiam. A' Della dos «raios de prata» dedica a Ode IV de que diversas interpretações, imaginarias e prejudiciais, têm transformado o sentido. Vê-se a olhos vistos que, a partir da estrofe 9.^a, fala Endimião, a chamar em vão á dura lua as vivas magoas de fiel e infeliz amante:

..... Que alcanço por queixar-me,
Pois minhas queixas digo
A quem já ergueu a mão para matar-me,
Como a cruel imigo?!

A fabula do Endimião e da Lua corre assás confusa em mitografia. Seja como for, nem por um instante é admissível presumir, como já desasserdadamente se fez, que o «matar-me» dê a entender que alguma das ninfas de Camões intentou de facto matá-lo á mão tente. Morrer e matar são verbos useiros da linguagem propria dos transportes apaixonados: de amor se mata e de amor se morre, sem matar nem morrer.

Registarei outros pontos em que o poeta atribue ás queridas a veneta de impulsos de matança. Nas Redondilhas dá-se para vitima duma carnificie:

Em vossos olhos serenos
Bem mostrais
Que vos não serve de mais
Ter uma vida de menos
..... Se me matais, atentai
Que eu morrendo...

Nas glosas ao mote mandado pela D. Francisca de Aragão, lá volta a tenção da matança:

Eu não tenho que vos dar;
Se vindes a me matar,
Já ha muito que não vivo.

Mais:

Pois por mais que vos veja atormentar-me,
Já me fico logrando desta gloria
De vêr que tendes tanta de matar-me.

Son. 61

Busque Amor novas artes, novo engenho
Para matar-me...

Son. 70

Mas já sofrível fôra
Que em matar-me ela só ache fumeza

Ode VI

Fazia jogo de palavras, apagando os contrastes de morte e vida:

Com mil mortes ao lado,
E quando mais morro, então mais vivo.

Ode IV

Fora pois com as tentativas de assassínio; as atrocidades do amanticição são realces de estilo metaforico. Ai que me matas! ai que eu morro! suspiram os amantes, ora aflitos com as dores do coração malferido, ora pelo contrario embebidos em extases de ternura e gosto.

De gosto pessimo até ao intoleravel é vêr que isto da lua a chacinar o poeta quer dizer—astrologicamente falando—que o satellite da terra ergue a mão para o matar, pois a lua «se ergue em Lua Nova e decai 28 dias após» (o após calha aqui como os apóses bundos que ai correm, em vez de depois). Conceber coisas destas só por obra e graça do astro nocturno e perceber-las só para leitores favorecidos pela mesma influença lunatica.

Ao acoitar de imprecações a face das fígadas imigas grava-lhes o ferrete de feras humanas. Deu na vista este chamamento cru na famosa Canção XIII—«Foi minha ama uma fera»—trecho que tem feito andar a cabeça

á roda de varios commentadores. Teofilo, desastinado vesânico, acreditou que de veras o poeta foi mamote duma alimaria bravía. Lê-se agora com pasmo que teria mamado numa vaca bravía alentejana (*sic*), mas que, em verdade, por baixo da fera mamuda no «sentido terreno», ha o «sentido astrologico (*re-sic*)»—a garra minaz dalguma bicha estelar de 7 cabeças. Muito sabe quem sabe assim astrologia!

Ora a besta-fera da lactação cifra-se numa locução figurativa de que dou fé em outros passos onde se socorre de analoga linguagem. Na Elegia VI profere esta adjuração de tragedia antiga:

Porque me não criara a minha estrela
Ou no Caucaso honrrando, fraco infante,
Selvatico no mundo...
Criado ao peito duma tigre hircana?

E na Ode VIII:

Aquele moço fero
... Com tutanos de tigre foi criado.

Na estrofe da canção anda, ao que parece, enleada á fera da teta, uma outra:

...humana fera tão formosa
Suave e venenosa
Que me criou aos peitos da esperança.

Ele utiliza em consumo estetico este bichêdo de jardim zoologico a fazer bestias decorativas das perfidas. Divisam-se nos versos as pégadas das carneiras. No ode I lá vem a fera:

Mas esta bela fera tão esquiva
Que o prazer me roubou.

A ode VII onde castiga «as lobas isentas que amor vendem», encabeça-a com a invocação á:

Formosa fera humana

E volta á carga no soneto 61:

Aquela fera humana que enriquece
A sua presunçosa tirania
Destas minhas entranhas...

Cevava-se-lhe nas visceras a hiena
—meras ferocidades postiças de poetização inculcanta.

De Estrelas em geral faz menção a pautarem-lhe a sorte:

Mas minha estrela que eu já agora entendo,
A Morte cega e o Caso duvidoso
Me fizeram de gostos haver medo.

Son. 122

E se amor é servido
Que sirva a linda serva
A quem a minha estrela me reserva,

Ode VIII

Quando vim da materna sepultura
De novo ao mundo, logo me fizeram
Estrelas infelices obrigado;
Com ter livre alvedrio m'o não deram,
Que eu conheci mil vezes na ventura
O melhor e o pior segui forçado.

Canção XIII

Sua estrela, é sinonimo de fortuna, destino, fado. Minha estrela, estrela da sorte, são locuções residuais das crenças primitivas no influxo astral, trivialissimas na linguagem vulgar. Boa

ou má estrela, boa ou má hora, estrelas felizes ou infelizes, propicias ou funestas, eram expressões correntes, como o são hoje e o serão sempre. E ainda Camões se não serviu dos termos mais precisos de sinas e signos, tornados tão costumeiros. Ha pouco entraram os franceses de usar com propositada repetição de «sous le signe» e nós com o simianismo habitual desatamos a escrever «sob o signo», a-pesar-de lá já não estar em moda a dizedela.

Até se apontaram sinais do céu apanhados no dia do nascimento do poeta, apanhados como sempre por desvio obcecado. No soneto 171 prorompe em blasfemias: «O dia em que nasci moura e pereça»;—nunca mais o tempo dê dia assim, mas, se tornar, roga-lhe pragas: que o sol padeça de eclipse, nasçam monstros, chova sangue, julgue a gente que está o mundo a destruir-se—e tudo porque:

... este dia deitou ao mundo a vida
Mais desgraçada que jámais se viu!

Não se troque, portanto, o sentido do soneto—ele esconjura os cataclismos para o caso de se repetir a desgraça de um nascimento tão desventurado como o seu. Pelo contrario, em outro soneto encara a sua nascença com tanta filosofia que desejaria voltar a ser nascido, porque talvez soubesse acautelar-se do mal e gozar-se do bem:

Oh! quem tornar pudera a ser nascido!
Soubra-me lograr do bem passado,
Se conhecer soubra o mal presente.

Son. 89

—Voltando á vaca fria—então a tal conjunção interplanetaria no signo de Aquario e a calculação feita sobre esse ajuntamento de que saiu a certidão de idade de Camões por a+b, em que ficam?

—Quanto ao tal Aquario ou aguadeiro, não encontro de alusões zodiacais na lirica tida por autenticas em que me tenho baseado (2) senão esta nos tercetos dirigidos a Febo:

Pois tu no Tauro fazes a morada,
Deixando Aquario e Piscis de mais brio
Com Venus entre os cornos assentada.

Elegia IX

Três constelações de pancada, vindas á colação para pinturas de mutações sazonais. Estupificante que destes ou doutros passos, aliás fora dos textos adjudicados ao epico, se tirasse o nome do signo do zodiaco em que se operou a tal conjunção quadrupla, com Venus á beira, que lhe fadou o berço. Visões abstrusas de alucinação.

Sobre estas bolas de sabão puerilmente sopradas se levantaram calculos astronomicos—operações por certo correctas em si astronomicamente, mas que, por carencia total de bases ou mesmo de presunções, estão afectadas de nulidade insuprivel. Chega a meter pena ver uma ciencia axacta chamada a deslindar problemas postos em ideografias, formalmente destituidas do minimo elemento sério de psicologia, logica e critica. Que tempo desbaratado e que monstruoso resultado! Pedir com tais apantos, sem pegadilha nenhum mesmo illusorio, a de-

(Ver continuação na pagina seguinte)

O PREMIO DE POESIA DO S. P. N.**"PORTUGAL"****de Ramiro Guedes de Campos****e a sensação do ritmo**

Toda a verdadeira obra de Arte possui, dentro de si, uma individualidade própria; esta afirmação significa, pelo menos, uma realidade que reside latente em todos os métodos críticos, ainda mesmo nos que mais de perto seguem os preconceitos estéticos de Faure. Um quadro, uma sonata, um poema têm um conteúdo de espiritualidade e uma objectividade material pelos quais se impõem, independentemente das circunstâncias de origem, do tempo e do lugar.

Se a Inspiração é a obra e a vida duma criação artística, o conceito é o seu pensamento como a forma é a sua carne.

Para a apreciação duma obra de Arte o artista interessa, antes de tudo, na medida dinâmica do seu esforço, da sua capacidade de realização.

O subjectivismo crítico deve partir da obra realizada tanto para a sua origem como para os seus efeitos.

A Forma impõe-se aos nossos sentidos como o conceito se dirige à nossa Razão; é por estes que, em Arte, a hora e vida se revelam: por eles distinguimos tudo o que é Beleza indefinida, reflexo da chama criadora.

Nenhuma obra pode afirmar o seu conteúdo de espiritualidade sem que a Forma se imponha por um arranjo rítmico dos seus elementos materiais e sem que, sobretudo, nas artes verbais, o seu pensamento se adapte ao nosso modo de ser racional. Se esse arranjo de Forma e se a transparência do conceito faltam a experiência estética não se realiza.

Certas considerações vêm a propósito do livro «Portugal», de Ramiro Guedes de Campos.

Esta obra não precisa de subtilidades de conceito nem de expressões enigmáticas para nos revelar o seu conteúdo espiritual. Tão pouco necessita de elogios para se afirmar: possui, como verdadeira expressão de Arte que é, uma individualidade e tem uma vida própria.

Neste livro a ideia nasce clara e espontânea, gerada na mesma matriz criadora da Forma. Em todo ele se revela uma superioridade de conceitos tão luminosamente focados que os seus vinte e quatro poemas são outras tantas sínteses intuitivas onde os assuntos tratados aparecem sob um ângulo novo, inteiramente pessoal.

O triptico da Raça, essa maravilhosa interpretação dos Paineis, a sublimação do amor em Pedro e Inês, a cristianização do Infante, a interpretação psicológica admirável de D. Denis, D. João II, D. Sebastião, o Marquês, Mousinho, são afirmações duma originalidade invulgar que só uma verdadeira formação de artista concebe e realiza.

Nos poemas do 2.º Livro há sínteses características de cada época dadas com tal simplicidade e com tal firmeza que só por um modo intuitivo de saber e de realizar, próprio da criação artística, se pode conseguir.

É que neste livro a Forma permanece sempre ao nível do Conceito; se é necessário que este se harmonize naturalmente com a nossa Razão, e que elevando o nosso modo de compreender, jamais atinja o absurdo, é necessário que a expressão formal conquiste o nosso sentido estético, única forma de atingirmos a experiência interior do artista.

Dêsse misterio, como Bremonal lhe chamou, da identidade da Inspiração e da Criação um elemento é indispensável: o Ritmo.

É na expressão rítmica que reside o segredo de toda a criação.

Ora o livro de Guedes de Campos é, no que respeita à Forma, uma obra onde o Ritmo se afirma em todos os seus versos. É mesmo uma expressão rítmica tão completa que é na diversidade métrica dos seus poemas que mais nitidamente, embora pelo modo mais difícil, a unidade de inspiração se impõe.

Porque o equilíbrio duma obra poética reside mais na Inspiração interior

que na identidade das suas formas de expressão; é, quantas vezes até, pelo choque de medidas diversas, pelo emprego de formulas diferentes que a expansão interior mais perfeitamente se realiza.

Em Guedes de Campos não é só um domínio da técnica: é a manifestação duma força criadora que, modelando a matéria, a eleva e transfigura, imprimindo-lhe o seu dinamismo interior, afeiçoando-o à sua imagem e semelhança, apresentando-o sob esse arranjo único que se alguma coisa tem que ver com as regras da Poética é só porque a Inteligência crítica aí se vai encontrar, depois, mais perfeitamente realizadas que se fossem voluntariamente procuradas.

Não é só o domínio fácil de qualquer medida, a riqueza das rimas, o conhecimento perfeito da estrutura própria de cada tipo de estrofes; se a variedade propositada e justificada dos vários modos de rimar os tercetos, se a busca dalgumas ensonâncias e o sentido muito agudo dos efeitos verbais revelam o artista—porque é grande—a fundo conhece a técnica do seu ofício, é essa identificação perfeita entre o conceito e a expressão, essa capacidade de sentir profundamente o objecto dos seus poemas e de no-lo transmitir que revelam a sua qualidade essencial de artista.

Nele, assim como o conceito sintético, por vezes, todo uma época, assim a forma reveste também a expressão—tipo que a traduz: veja-se a Poesia da Terra, o Marquês e Mousinho.

É nesta capacidade intuitiva de sentir, de simpatizar com tudo quanto possa constituir objecto de criação, que reside a explicação única do seu poliorismo.

A Guedes de Campos não interessa que o seu modelo seja uma criação natural ou uma criação artística; para ele, e justificadamente, a Beleza é Uma, seja gerada pelo Homem ou por Deus. Alguns dos seus poemas são a reconstituição maravilhosa de certas formas de Arte típicas. Nestes, procede como o pintor ou o escultor cujo fim seja a reprodução plástica do modelo: obra de Arte, paisagem ou ser humano, tudo possui uma espiritualidade capaz de ser objecto de Inspiração. No primeiro caso, porém, é necessária a vontade deliberada de atingir a forma que se procura sem que, contudo, esta domine inconscientemente a técnica do artista, pois

Camões astrológico*(Continuação da pagina anterior)*

terminação matemática da data do nascimento de Camões, a mesma coisa é que o classico problema galileu de, sabida e tonelagem do navio, o numero dos tripulantes e dos mastros, calcular a idade do capitão.

Literariamente, o caso está julgado sem apelação nem agravo. As citas camoneanas, retorcidas por contrasensos constantes, negam qualquer encabadoiro às ilações horoscópicas aventadas, aereamente, a esmo, «sob o signo» dum delirio sistematico. Lida a lirica com as duas lentes que Deus nos concedeu por baixo da testa para alumiá-lo e entendimento, cai de cangalhas ao chão aquele castelo de cartas de jogar. Ao menos, pessoalmente, aproveitei com o lance, que me deu ensejo para uma sessão de leitura do grandíssimo poeta, versando espécies de interesse camoneano — lição grata para mim e talvez para algum raro leitor que seja cultor do poeta.

Ah! que muito terá que fazer o prof. Agostinho de Campos se se tomar da necessitada empresa de ensinar a delectar escorreitamente a obra de Camões, segundo preceitua a boa exegética, e de curar a mania obstinada de catar-lhe nos versos o que lá não está, nunca esteve e jamais passou pela

que a influencia externa e portanto o plagio seriam inevitáveis; para o conseguir necessita-se um poder de penetração intuitiva, um acto de simpatia com o proprio objecto contemplado, de modo que com a concepção da ideia fundamental da nova obra, onde a personalidade do artista se afirma, a expressão se adapta ao modelo escolhido, reconstituindo-lhe a forma.

Produz-se uma identificação de Inspiração. *Et pares inventiunt et faciunt.*

É um processo perigoso? É negável. Mas é negável também que para triunfar nele é preciso um domínio perfeito não só de todas as possibilidades da técnica, mas também de todas as energias profundas e criadoras do espirito. Porque se a reconstituição foi inferior ao modelo, fica pelo modo mais evidente demonstrada e inferioridade do talento.

É um processo que, para o observador, vale também como um modo de competição; mas é sempre uma afirmação publica de possibilidades e de grande valor.

Ora é, exactamente, o que esta obra de Guedes de Campos quer ser: uma afirmação.

Este seu primeiro livro contém aquela individualidade propria que faz com que, por si mesmo, se imponha.

A originalidade da ideia acompanha o cuidado da forma: esta é por vezes tal que se a maioria dos seus poemas é fundamentalmente parnasiana, as estancias do XI Canto dos Lusíadas são das melhores oitavas que no seu estilo se tem escrito depois de Camões.

Esta sua obra é uma obra séria.

Guedes de Campos firmou um alto lugar em opposição em todos os artificialismos: nisto se distingue dos demais poetas do pseudo-literatura moderna.

Quando a matéria viva do seu proprio espirito se amolda à forma, vem incandescente, sem confusão possível quanto à sua origem: o Ritmo está lá, palpante, a assegurar a existência duma Inspiração criadora.

Estou certo que a reacção da Poesia contra as aritmias da Forma e as incongruências do conceito se afirmou com o aparecimento deste livro e, talvez, lhe tenha passado um pouco despercebido por não convir que se sabia... MARIO ALVES PEREIRA

mente do autor, ficando condenada de vez essa rebuça temeraria de vãos dados biográficos.

Sofreram já também a condenação devida as abusões astrológicas cometidas, infestadas de erros múltiplos, postos a nu por quem entre nós a fundo estudou a velha astrologia.

... Ai tem concluso e sentenciado o processo, falho de lés a lés de documentos e argumentos, de vislumbres sequer do que quer que seja, reduzido tudo a menos que nada — absolutamente abaixo de zero.

—Perante esta desanda, também desandei estarecido. *Obstupui.* 28-2-38.

RICARDO JORGE

(1) V. *Diário de Lisboa*—Suplemento literário de 24-2.

(2) — Fizeram-se agora alegações de poesias expungidas da lirica de Camões por apócrifas, graças sobretudo à expurgação feita por D. Carolina Michaelis. Estão despidas de qualquer valor demonstrativo. As citações deste artigo estão referidas à *Lirica de Camões*, editada pelo Mestre José Maria Rodrigues.

ERRATAS DO ARTIGO ANTERIOR:—*Son. 162*—Em vez de «A vida que ela», deve ler-se «A vida quieta que ela».

Na citação de Sá de Miranda, em vez de «suave fué», deve ler-se «suave ya fué».



No ultimo numero da «Revue de Conférences», Pierre Labriolle, professor da Sorbonne, dá preciosos conselhos aos seus alunos sobre a «Arte de trabalhar». É contrario a dispersão de leituras. Hoje lê-se muito e mal. Passa-se do romance para a revista, do conto para a critica, do magazine da especialidade para o ensaio, que se devoram para aprender o maior numero de noções e de ideias, muitas vezes só para parecer aos outros que se está «à la page» com tudo quanto se escreve. Este simultaneismo de leituras não alimenta, devidamente, a intelligencia. Comunica-lhe como uma especie de febre, que esteriliza toda a criação propria.

Já Seneca, diz o «Journal de Genève», escrevia ao seu discipulo Lucilius: «E' preciso escolher um certo numero de escritores e privarmos permanentemente com as suas obras, se se quiser extrair uma substancia que se fixe duradouramente no espirito. Estar em toda a parte é não estar em parte alguma. Uma vida consumida em viagens, permite-nos conhecer muita gente, mas não um amigo. Uma arvore não adquire forças quando é, constantemente transplantada. Uma ferida não se cicatriza quando se experimentam numerosos remedios. As coisas mais uteis não nos servem quando passamos rapidamente por elas.

Quasi todos os livros têm uma dedicatória impressa. Escolhe-se um amigo, um parente, ou, o que é mais vulgar, a esposa do autor. É uma pagina intima que tanto leva, apenas, um nome, como uma frase castigada, uma legenda, por vezes, até um verso, se não um poema. Vai aparecer agora um livro em Inglaterra que é dedicado não a uma pessoa, mas a um cão que o autor considerava o seu melhor companheiro. É, pelo menos, o que diz o dramaturgo Bernard Shaw, que se propõe causticar mais uma vez os sentimentos do genero humano.



Maurice Bedel que, com o seu «Jerôme, 60.º de latitude norte», desencadeou, na Noruega, terríveis polemicas, está agora naquele país, onde vai realizar uma conferencia no grande anfiteatro da Universidade de Oslo. A impressão do seu romance, de tão deliciosa ironia, sobre os costumes daquele país nordico, atenuou-se com o tempo. Os noruegueses dispõem-se a ouvir, com respeito, Maurice Bedel, embora não aceitem, como é natural, todas as suas criticas.



Antonio Certima, que depois da «Epopéia Maldita», obra vibrante da Grande Guerra, escrita com o seu sangue, nos deu um precioso livro de versos, duma extraordinaria emoção, vai figurar na antologia «Poemes Français de Poetes Etrangers», que deve aparecer ainda este ano editada pela «Revue Moderne». Trata-se duma honrosa e merecida distincção, que põe em foco a obra de Antonio Certima, um dos nomes mais brilhantes das letras modernas.





Um dos mais belos livros de Dostoevsky, o «Mundo Ideal», foi agora traduzido pelo dr. Campos Lima, em edição da Livraria Guimarães. O autor dos «Humilhados e Ofendidos» concretizou nesta obra um profundo estudo psicológico, no seu generoso predilecto, clarões e sombras, melas revelações e incisões violentas de genio, que assombram o leitor, empolgada por tão maravilhosa expressão literária.

—A mesma livraria editou o celebre romance «Paz?», de Ernesto Gaezer, documentário do que se passou na Alemanha, a fome, a revolução, a confusão política, após a retirada dos exercitos alemães das linhas Hindenburgo. Este livro tem agora uma flagrante oportunidade. Dá-nos um documentário dessa Alemanha de ontem, que se pode comparar com o que se passa ali hoje. Escrito com calorosa vibração, a sua narrativa romantizada chega, por vezes, a ter o valor dum testemunho histórico.



A residência dos primeiros ministros ingleses — Downing Street, 10, Londres — tem uma importante biblioteca, iniciada por Ramsay Mac Donald. O ex-trabalhista, quando ali esteve instalado, pediu livros a todos os ministros antigos e modernos, oferecendo ele, por seu turno, três volumes: a biografia de sua mulher, os seus discursos nos Estados Unidos, e uma obra intitulada: «Flaneries et excursions». Todos os chefes de governo que se sucederam a Mac Donald têm enriquecido a curiosa biblioteca. Nela figuram as memorias de Lloyd George, oferecidas por ele, uma antologia poetica, dom de Lord Snowden, etc.

Cada volume tem um «ex-libris» desenhado por William Rothenstein, que representa a fachada do celebre numero 10, com esta inscrição: «Laborantibus Portus et Refugium Bibliotheca».



O departamento geografico dos Estados Unidos está procedendo á substituição dos nomes de certas localidades, que foram baptizadas por brincalhões, no tempo em que ainda não tinham importância, ou que são considerados irritantemente grotescos.

Assim a vila de Widow's Tears Fall (As quedas das lagrimas duma viuva) converteu-se em Veu Nupcial. Quedas. O lago de Lama passa a denominar-se lago Bijou, e o Tanque da Agua da Louça em Tanque Espelho. Contra o que seria de esperar, os habitantes dessas localidades protetaram pela mudança dos nomes. Os que vivem na vila de Pés-Nus, em Kentucky, e no Circulo Mundano, em Arkansas, que também se sentem ameaçados, prepararam-se para resistir.



Foi posta á venda a segunda edição do «Pró Patria», do brilhante panfletario e escritor Homem Cristo. O facto da primeira edição ter sido devorada pelo publico, o que é raro em Portugal, bem demonstra o valor dessa obra, tão ardente de patriotismo como incisiva de comentario politico. Homem Cristo analisa o problema militar português, num estudo brilhante. Edição da Livraria Guimarães.

PARTIR!... PARTIR!...

Primeiro dia de viagem

Foi o misterio que me fez partir. O sentimento angustiante, arrebatado, que dele tive á hora da partida é o mesmo que tenho agora, ao principiar este diario.

A minha primeira viagem! Eu que todos me ouvissem, como eu ouço o mar que me rodeia. E assim, eu peço-te, mar!, que não contas o que ouves. Escuta: a minha viagem...

As ondas recolheram o meu grito e eu vou serenando. Agora posso continuar, livre das sensações tumultuosas que me dispersavam. Farei o possível por as recolher em mim, de modo tal, que a vibração intensa que elas dão aos meus sentidos, se transforme num estado de alma quieto, suave.

Quando era pequeno, viajei. Há já quanto tempo! Era pequeno e só sei que viajei porque me contaram. Os navios deviam atravessar o mar, eu, porém, devia sentir-me em qualquer parte. O' colo de minha mãe, chegava-me de certeza. Que mais queria?... E mesmo que quisesse, era impossível o meu querer. Era pequeno — já o disse — e é melhor que apressemos a viagem.

Foi, sem duvida, ha poucos dias que a realidade se revelou. A porção de sonho que tem vivido comigo desde a minha adolescencia, tornou-se a minha vida, penetrou todo o meu ser, a tal ponto que posso afirmar: sou eu quem parte agora.

E ainda bem. Eu receava que a minha viagem fôsse adiada para muito mais tarde, naquella tarde de julho em que, findos os exames, saíamos contentissimos da escola. Recordo como a alegria se desvaneceu num instante.

Faz-me bem lembrar a decepção que sofri, agora que realizei o que um momento, me pareceu impossível.

Foi, como disse, num dia de julho. Caía a tarde quente de verão, e nós respirávamos a frescura que vinha do largo Tejo azul, ao longe sulcado de pequenos barcos de velas brancas e vermelhas.

Tudo se reanimava para nós. O ultimo exame!... Um claro horizonte abria-se para a nossa alma. Olhávamos amorosamente as arvores, os arbustos e as videiras da tapada: e as florzinhas e os rebentos de erva amarelada teimando em viver mesmo apertados no empedrado do passeio. Nas sebes, a vinha virgem, enleava-se fortemente na armação de arame e oferecia ao Sol a superficie das folhas arroxeadas.

Tudo se engrandecia aos nossos olhos. Era como se o espirito se desocupasse e o coração fôsse para lá viver.

Era lindo, realmente, o Tejo, ao cair da tarde, com as colinas da Outra-Banda a marcar-lhe o caminho para o mar.

Lá longe, os barquitos; mais perto as casas brancas, as chaminés e os mastros dos navios inundados de luz, recortando-se no céu.

Parámos por um instante. Era demais continuar a andar: uma imobilidade tombava-nos na alma e prendia-nos ao chão. Quasi a escondida na estrada arborizada, os outros cantolavam baixinho. Nós dois, ficávamos para trás, encostados ás arvores, olhando um navio que partia para o mundo e cujo destino procurávamos, em vão, adivinhar.

Coisa estranha! parecia que uma imagem de nós se deslocava enquanto contemplávamos a paisagem que se nos formava no espirito. Também navegávamos, também partíamos naquele momento, levados naquele navio que cortava as aguas do Tejo, a caminho do Oceano...

Estávamos assim quando fomos bruscamente interrompidos por alguém, que saiu depois e nos viera surpreender no momento melhor do nosso sonho, quando iam já para além do Oceano. Iluminava-se-lhe a face de alegria. «Então?», perguntou, e logo sorriu ao nosso sorriso de desafogo.

«Então, vens?», tornou a perguntar dirigindo-se a mim. A resposta não demorou.

Enquanto, em sobressalto, me interrogava, a imagem de ha pouco, mais estranha ainda, tomou a dianteira e começou a falar. Indecisa,

primeiro; depois, pouco a pouco, á medida que uma musica deliciosa soava aos nossos ouvidos e que vizes fantásticas nos povoavam o espirito, a voz erguia-se mais confiante, incerta ás vezes, mas sempre mais firme nos lampejos de esperança, como os clarões dum incendio que principiava a alastrar.

Embalados em doce expectativa, descíamos a alea arborizada, sem quasi darmos por isso. Manchados pela luz que as folhas trémulas deixavam atravessar, os olhos mal reparavam, abstractos, que caminhávamos por entre duas filas de arvores e que, em cada fila, de arvore em arvore se intercalava uma roseira.

E eu entristecia. Os nossos espiritos separavam-se, cada um por caminho diferente. O que fôra, até então, a minha imagem, deixara de me pertencer e habitava no meu companheiro que ia partir. Partir!... partir!... O seu rosto manifestava um entusiasmo violento, apaixonado, apenas cortado de ligeiras reflexões. Parecia que um fio de agua impedia o incendio de alastrar sobre a grande floresta da certeza.

Eu quasi perdera a esperança. Ouvia vagamente o que me iam dizendo, mas logo as palavras me fugiam da memoria. Entretanto, acabávamos de sair da tapada. Os automoveis passavam correndo. Deitei-lhe a mão ao braco, na passagem da rua, e ele quasi não notou, tão levantado ia no seu sonho.

Seis garotos, todos emporcalhados, salpicavam-se com grande risóia na fonte ali metida, na parede do muro. Sorri, e prostrou-me um grande desejo de frescura. Se eu pudesse ser assim...

«Até logo», disseram eles quando chegaram á paragem dos electricos. «Adeus!».

Mas ele continuava na sua alegria. Queria que eu a tivesse também. E ligeiramente contrariado: «Vem comigo». O outro, porém, voltou-se de repente e gritou: «Aquele serve-nos. Vem daí». «Adeus! até outubro. Boas férias». «Adeus». E acenavam-me os dois, da plataforma.

Fiquei na paragem, sózinho, a ver o carro virar a esquina do cinema, pensando em nada, deixando-me invadir por uma tristeza indizível, e depois voltei para trás, levado no desanimo, achando as casas feias e a gente aborrecida. Subia as escadinhas que levavam ao alto da colina. Custava tanto a lá chegar!... mas enfim, lá fui, e em breve pisava o chão escalarvado onde se estampava a sombra de uma igreja. A cruz pequena encimando o tópo recortava-se vivamente no ar azulado e luminoso da tarde. Daí, avistava de novo o largo estuario do Tejo, os barcos e tudo que ha pouco me tinha encantado. A aragem que corria trazia-me grande suavidade e eu ia-me esquecendo, a pouco e pouco, da tristeza de não ir, a tal ponto que houve um instante em que me julguei deslumbrado.

Os cimos amarelados das colinas da Outra-Banda gelavam-se de oiro á medida que o Sol ia tombando.

Pensei, então, que era melhor esquecer.

Na praia, depois, teria sempre a visão do mar e os seus segredos trazidos pelas ondas e levados pelas ondas outra vez, bem juntos aos meus sonhos, estaria sossegadamente no alto dum monte, a trespassar a imensidão do Oceano. Todas as tardes a mesma esfera de fogo havia de se afogar nas ondas e incendiar o céu.

Ouviste, navio!, o que te disse? Ouviste e respondes-me. Só eu ouço de modo diferente do que é costume ouvir.

A realidade da minha viagem, a viagem verdadeira; o movimento iluminado do meu espirito; o meu diario, o primeiro que ha de ter um fim.

Ondas do mar!,izei-me: Qual a ligação dos três caminhos por onde agora parto?

As ondas do mar não me respondem, não as ouço. Sei, apenas, que os três caminhos se

Sobre uma quadra que se atribui a Camões

Por uns olhos que fugiram
O lume dos meus perdi
Porque nem eles me viram
Nem eu também mais os vi

LUIZ DE CAMÕES

Sofro ainda cruéis penas
Que jamais outros sentiram;
E com elas vou morrendo
Por uns olhos que fugiram.

Não sei se pude fixa-los
Nem sei o que então senti.
—Apenas, por esses olhos,
O lume dos meus perdi.

Receio? Retraimento?
Nem isso sequer fingiram.
Seria injusto dizê-lo—
Porque nem eles me viram.

Os seus não deram pelos meus.
Passaram!...—Quanto sofri!
E assim foi: nunca me viram,
Nem eu também mais os vi.

ANTONIO BOTTO

junaram numa larga e livre estrada, que eu vejo aumentar á minha frente, á medida que vou vivendo e avançando. Para lá do horizonte em que existo está o apêlo do desconhecido, o acêno da vitoria, que eu contemplo com inquieta confiança.

O diario e a viagem; no meio, o que une a viagem ao diario. Não me farto de falar nestes nomes que me inundam de ternura e heroismo. Eu vou descobrir um mundo novo, quer viajando, quer escrevendo o meu diario. E entretanto, vivo.

Passou-se já um dia, mas na hora longinqua da partida sucederam-se as mesmas interrogações que pressinto no momento. A mesma inquietação atraente, melancolica; desejos e alarmes, lentos e impetuosos, imprevisos e vagamente inexpressivos. Em tudo isto, sempre a esperança de uma revelação imaginada.

Recolhe-se em mim uma deliciosa agitação. Eu não sei o que penso e o que digo, enquanto caminho para o meu descobrimento. Estremeço de prazer, perturba-me a alegria, e já a saudade é tão grande! Eu quero, eu peço que me não dispersem a atenção, é preciso que eu esteja pronto para a chegada da minha vida nova, embora seja muita a saudade antecipada do que vai deixar de ser sonho no pensamento.

Assim é; assim terá de ser. O coração bate-me apressado com tudo que sentir. De outro modo não poderei viver. Falo por mim. E os meus companheiros? Ainda ha pouco os vi com os cadernos de capa de oleado, bem seguros, debaixo dos braços, e assaltou-me o desejo de ler as suas impressões.

Como devo viajar? Não sei e não me importo. Não tenho sequer uma idea. Só me transponto a mim proprio. Talvez fôsse mais proveitoso que eu tivesse uma idea. Como futuro agronomo, ser-me-ia util a observação objectiva da condições agronomicas do nosso ultramar. Mesmo por muitas outras coisas em que penso algumas vezes. E'-me impossível fazê-lo, embora já lhe veja os resultados.

Não posso fechar os olhos para o que se passa á minha esquerda. Posso, porém, dizer, quer queira, quer não, que, para cada paisagem ou para cada pensamento, terei sempre a mesma contemplação de amor.

Repara como é linda a baía onde a areia é doirada e as palmeiras conversam com o mar. Diz-me sinceramente se ainda continuas a achar triste a tua vida. Não respondes, mas escuta o teu silencio. Bem sabes que é mais forte a claridade que te vem do coração; não a podes destruir por muito que te destruas; violenta ou submissa, trémula ou irradiante, será a luz da tua vida até ao dia em que as trevas descenderem sobre ti.

Este desejo de Amor! Deixem-me que eu queira ser o ardor do sol. E enquanto escrevo isto sinto-me miseravel, muito triste. A minha fraqueza é grande, para ser o ardor do sol.

Prometi dominar a tempestade que em mim vive. E' necessario que me domine, que leia o que escrevo. E' tão difficil, porém, dominar-me, quando tento recordar a minha infancia. Porque naqueles momentos longinquos da partida que já ficam tão para trás, de que me separam muitos milhares de ondas, era na minha infancia que eu pensava.

Quando era pequeno, ficava muitas vezes a olhar o meu barquinho de cana do valado, a correr nas aguas barulhentas da ribeira, até encalhar nas pedras ou nalguma raiz escondida ao lume de agua.

Que ligação havia entre a minha infancia e a hora da partida? Pasmto, estonteio-me. E' demasiado o maravilhoso sentido.

Aos quinze anos também partira para longe. Os mapas e os livros eram o mundo através do qual eu viajava. Deitado no chão do meu quarto, desdobrava o mapa, e durante uma ou duas horas ia riscando os itinerarios. Porém, as viagens eram tão emaranhadas, tão cheias de curvas e ziguezagues, que eu ficava sempre indeciso, sem saber por qual dos caminhos tomar. Todos me atraíam. Todos me convidavam. A atracção recebida era violenta.

Nas férias é que era bom. Com o livro sob o braco, punha-me a caminho do ribeiro, onde o canal me escondia por todos os lados. As aguas do ribeiro não eram barulhentas no verão, e corriam muito transparentes, por entre os juncos das margens. Com muito sossego, podia continuar a viagem começada no dia anterior. Acendia a lampada e dirigia o foco para os buracos escuros do silvado. Estava sempre á espera de qualquer coisa estranha, de qualquer monstro que apparecesse. O momento propicio era ao cair da tarde, quando o rebanho das vacas badalava ao longe, a caminho do curral, e os sons chegavam baixinho, depois

(Ver continuação na pagina seguinte)

OS LIVROS DA SEMANA

Talvez fôsse oportuno insistir numa observação: Há muito maiores perigos em deixar-se um jovem influenciar pelos poetas de índole chamada modernista do que pelos de índole tradicional. Como na poesia moderna o aparelho métrico é mais simples e mais directa a expressão torna-se muito mais perigoso ingressar nos seus quadros. Quere dizer: o poeta que se procure exprimir directamente e sem artificios métricos precisa de ter uma personalidade muito mais original do que o poeta que se acote à sombra dos velhos canones poéticos. O jogo da sua personalidade tem de ser mais nu. Não lhe assistem os recursos complicados da versificação para poder brilhar como versificador. A prova é mais dura. Eis por que certos poetas sem uma personalidade muito vincada têm caído inteiramente sob a garra dos mestres que elegeram entre os poetas modernos.

Antonio Ramos de Almeida aparece-nos neste livro dominado pela influência de três poetas modernos: Régio, Casais e Torga. Mas a influência, que sobre ele exercem estes três poetas é quasi esmagadora. Antonio Ramos de Almeida pouco consegue dizer-nos de si próprio. Incusivamente usa de artificios de Régio:

O teu menino, ino, ino

Para quê? Ramos de Almeida fê-lo conscientemente, estamos certos disso. Mas não descobrimos por quê. Eis aqui uma liberdade que redundaria falsa. A poesia de Ramos de Almeida falta a musicalidade da de Régio. Também nos temas, Ramos de Almeida se ficou pelos temas dos mestres: o pecado original, afirmação de um destino único, diálogos com Deus, monólogos ensimesmados, coloquios entre Eu e mim, etc. Por vezes lá resalta uma apóstrofe de sabor social. Mas tão sem interioridade, que a sentimos a mais, como um «postigo». Certo tom brutal e cru que Ramos de Almeida quer dar não encontra eco na estrutura dos versos. Sente-se que Ramos de Almeida é o inverso por sensibilidade, daquilo que quer dizer. Daí nós não podermos deixar de pensar que os mestres que ele escolheu para patronos da sua poesia foram mal escolhidos. Diremos mesmo: Ramos de Almeida confundiu a sua admiração crítica por Régio, Casais e Torga com a identificação que deve haver entre mestre e discípulo—sempre que um poeta se tem de revelar através da influência de mestres. Melhor: não ha afinidades entre Ramos de Almeida e qualquer dos três poetas citados, mas sim mera admiração crítica. Ora Ramos de Almeida, confundindo admiração crítica com afinidades de temperamento impôs-se a ingrata missão de mimar os poetas que não sente interiores a si. E isto é, parece-me, um dos mais graves erros de Ramos de Almeida.

Sim: é preciso não sermos indulgentes com aqueles que nos merecem consideração. Ramos de Almeida afigura-se-nos ter escrito um livro errado. Os seus poemas denunciavam haverem sido ditados pela inteligência ao instinto: são poemas voluntários. Mas, o mais curioso é sentirmos que Ramos de Almeida poderá encontrar a sua rota tomando exactamente, caminhos contrários aos seguidos em *Sinal de Alarme*. Certas notas isso não-lo deixa prever. Por exemplo o *Poema de Narciso*:

Quem cavou no fundo do meu ser
Esta chaga cruel que não tem cura?
Ficou apenas o puro da procura
Da vaga onda que se perdeu chorando.

O canto vem das sereias e das águas,
Junto de mim é, silêncio, desgosto, mágoas
Do outro que já fui belo e senhor,
Corpo de arcanjo que se perdeu de amor.

Foram todas cúmplices e culpadas,
Foram todas, virgens, desenhadas,
As autoras deste crime monstruoso:
«Transformar a minha carne de inocente
Neste drama já sem sonho, perdido e doloroso»

Ao contrario da expressão dramática e realista que Ramos de Almeida procura na maioria dos seus poemas (influência de Torga e Régio), neste há duas ou três notas de uma vaga abstracção imaginativa (ficou apenas o puro da procura da vaga onda que se perdeu chorando), espécie de transcrição intelectual de emoções (qualquer coisa que lembra Valéry), que se nos afigura muito mais de acordo com qualquer coisa que Ramos de Almeida nos possa dar de pessoal. E' preciso que Ramos de Almeida se encontre a si mesmo. Este livro é, quanto a mim, um livro errado. Não me parece que Ramos de Almeida possa chegar a exprimir qualquer coisa de pessoal através de uma expressão oposta àquela que parece dever ser a expressão da sua personalidade. Ramos de Almeida é sobretudo uma pessoa com cabeça: procure, pois, a expressão daquilo que a sua cabeça lhe ditar. Deixe em paz os dramas metafísicos, as tragedias de carne e os tons panfletários...

SINAL DE ALARME poemas, por ANTONIO RAMOS DE ALMEIDA CAVALEIRO E DEUS MENINO por DENIS DE RIBA-DOURO

Denis de Riba-Douro é o pseudónimo de uma senhora. Quem ler este livro *Cavaleiro e Deus-Menino* não se pode equivocar: eis uma obra de mulher. Porquê? Pelo que há nela de intimo, de delicado, de perturbado? Não: pelo que ha nela de fragil. E' uma obra onde se conta em verso a lenda de um menino Jesus venerado em certa capelinha da Beira. Tal menino está no seu altar vestido de *marechal dos exercitos*—casaca de alamares, chapéu armado, esporins nas botas de cavaleiro, espada no cinturão e o globo na mão erguida, conforme no-lo descreve Denis de Riba-Douro. Ora a lenda é ingénua. O livro que a conta ingénua é, Versos de sete sílabas, á maneira de Augusto Gil, bem medidos simples, candidos e nada mais. Como obra de poesia narrativa, *Cavaleiro e Deus-Menino* é um livro para ser lido por quem não pede á poesia senão uma certa ingenuidade. Eis o que este livro é—um li-

vro harmonioso e ingenuo. Gardy D'Arriaga ilustrou-o com sanguineas onde há graciosas cabecinhas de anjos que teriam encantado Antonio Carneiro.

* * *

A leitura de um ensaio de T. S. Eliot, uma espécie de Paul Valéry da poesia inglesa, fez-me meditar sobre este problema: deve a poesia ser uma expressão da personalidade ou uma fuga da personalidade? T. S. Eliot, no seu ensaio *Tradition and the individual talent*, diz: «Poetry is not a turning of emotion, but an escape from emotion; it is not the expression of personality, but an escape of personality», isto é, a poesia não é uma libertação de emoções, mas uma fuga das emoções; não é a expressão da personalidade, mas uma fuga da personalidade. E' certo que T. S. Eliot acrescenta: «but, of course, only those who have personality and emotions know what it means to want to escape

from these things». Quere dizer: só quem realmente tem personalidade e emoções sabe o que é que significa ter necessidade de fugir delas.

Tenho varias vezes insistido que a poesia— a arte, de maneira geral—é, para mim, uma forma de realização da personalidade: um processo de auto-identificação. Eis como, portanto, esta concepção da poesia do grande poeta inglês parece estar em desacordo com a minha. Essencialmente, Eliot é um espirito classico. Por isso ele vê na poesia de Baudelaire um compromisso com o tempo—uma temporalidade—que a poesia dos grandes poetas não tem. Por isso ele vê Dante mais alto que todos os outros grandes poetas. Dante é, para ele, o arquétipo dos poetas universais. Isto porque Dante representa a impersonalidade total: o poeta que de todo deixou as suas emoções—transcendendo-as; o poeta que de todo se evadiu da sua personalidade—superando-a.

Parece que Eliot—e quem diz Eliot diz o proprio Valéry—se deixou influenciar nos seus pontos de vista criticos sobre a poesia por um factor de ordem pessoal. Não creio que a mais alta poesia seja uma algebra intelectual, como pensam T. S. Eliot e Paul Valéry. Não creio que a poesia, mesmo a poesia épica e dramática, seja, em absoluto, uma fuga das emoções pessoais e da personalidade do poeta. Melhor: não creio que possa haver poesia classica, no sentido que lhe dá Eliot, sem a previa existencia de uma personalidade classica. Isto é: a fuga do poeta das suas proprias emoções ou da sua propria personalidade não se pode operar como disciplina. Baudelaire nunca poderia ter sido um poeta classico como Dante, pois a personalidade do poeta de *Les Fleurs du Mal* não era classica. Aqueles poetas em que tal fuga se verifica—ou, pelo menos, parece verificar-se—são casos pessoais. Quando estudados com perspicacia psicologica mostrarão não se haver operado neles qualquer verdadeira fuga das suas proprias emoções ou da sua propria personalidade. Neles opera-se, pelo contrario, realização de emoções e de personalidade. T. S. Eliot não ponderou devidamente o caso particular de certas personalidades, como a sua propria, T. S. Eliot, em que não ha propriamente emoções nem personalidade, mas como que capacidade intelectual para as simular. Mais claramente: não é, afinal, quem tem emoções e personalidade que sabe o que significa ter necessidade de fugir delas. Ha, pelo contrario, individualidades em que a fuga das emoções e da personalidade são a unica maneira de terem emoções e personalidade. Assim os poetas de índole objectiva ou classica não são personalidades superadoras da sua natureza sensível e emocional, mas, antes, personalidades em que a arte—a poesia, no caso que abordamos,—funciona como um processo de realização pessoal, pois só nessa aparente superação da propria natureza é que tais poetas a si mesmos se encontram—só assim realizam a sua personalidade.

Quere dizer: estamos de acordo com T. S. Eliot. Até nos poetas cuja obra nos surge como que a expressão purificada—ou superada—da sua personalidade se realiza afinal uma verdadeira operação de síntese: de unificação da personalidade. Eis como, afinal, a poesia não é nem uma expressão da personalidade nem uma fuga da personalidade—mas uma sua realização.

* * *

Sinal de Alarme é o primeiro livro de versos de Antonio Ramos de Almeida, jovem que na *Revista de Portugal* e em outras revistas de Coimbra e jornais de Lisboa tem publicado breves mas argutos artigos criticos. Porque esses artigos, parecem denunciar uma inteligência bem formada para a análise do fenomeno literario e revelar, portanto, que Ramos de Almeida tem um papel a desempenhar na critica é que não recearemos dizer, que este livro se nos afigura... precipitado. Porquê? Lá teríamos de voltar ao belo conselho de Rilke. Parece-me que vale a pena mostrar num livro de prosa as suas fragilidades. Diga-se o que se disser, a prosa tem os seus segredos. Um escritor pode ser muito bem dotado e não encontrar imediatamente a melhor forma de expressão para os seus talentos. Um livro em prosa pode, por isso, ser escrito de uma maneira desigual. Pelo que haverá vantagem em chamar-se a atenção do jovem escritor para as suas incipiencias. Mas com um livro de versos não se dá bem a mesma coisa. Na poesia ha menos compromissos técnicos—pelo menos na poesia de expressão livre, como é a poesia de Ramos de Almeida—. Logo ser quasi inutil dizer ao poeta onde estão as suas deficiencias. Ou o poeta exprimiui alguma coisa de pessoal ou não. Eis o que nos faz vacilar ante o livro de Ramos de Almeida. Não se pode dizer que ele não tenha exprimiido algo de pessoal. Ha, sem duvida, neste livro certa audacia de temas e notas onde poderemos ver desenhar-se um temperamento. Mas a verdade é que a expressão desse temperamento é incompleta, é impessoal.

JOÃO GASPAS SIMÕES

Primeiro dia de viagem

(Continuação da pagina anterior)

de andarem perdidos nos pinhais. As folhas do canavial, direitas e cortantes, balouçavam. Os cimos brilhavam como lanças. A noite aproximava-se mais depressa do lugar, e só no alto do céu, se apercebiam os clarões vagos do crepusculo numa nuvem avermelhada. As libelulas de asas transparentes passavam zumbindo e imobilizavam-se repentinamente, nervosas como coisas leves, ténues, suspensas no ar. Mal reparava nelas, mas como as via todas as tardes, notava que as asas transparentes tremiam muito e acabavam por se desfazer no ar que eu respirava.

As águas do ribeiro desciam silenciosas. Os ruidos do dia recolhiam-se dentro dos seres para quem viera a noite; não ficava mais que um murmúrio muito suave, mais do que uma quietude em que a Natureza descansava.

Tudo se transformava. Os rumores suavíssimos e as sombras da noite, iluminavam-me de visões misteriosas. Sabia que, para além da noite e das ultimas claridades estavam os meus pais encantados. As águas, deslizando por entre as raízes complicadas dos salgueiros, recordavam-me os rios por onde eu ia subindo. Nesses rios, quasi sempre, o luar desenhava grandes figuras brancas que as arvores enormes das margens recordavam. Os notibós lançavam-se num vôo lento e amplo, negros e misteriosos como a noite, lentos e amplos como a noite.

* * *

E a saudade desses tempos que eu recordava em que fui tão infeliz com os outros e tão feliz comigo, aparece-me de novo, como se tivesse acontecido ontem mesmo, e vive com maior intensidade que todas as impressões fixadas na hora demorada da despedida. As impressões prolongam-se para regiões distantes, de imobilidade e de paisagem esquecida, e para as recordar teria de iniciar uma larga viagem de regresso.

* * *

A sereia do navio arrancou-me á indolencia das águas do Tejo refletindo o meio-dia. Os meus olhos semicerravam-se preguiçosos. A luz transformava-se em finissimas agulhas, que vinham ferir a vista.

Lá em baixo, no cais, a pressa era muita. Raparigas agradáveis de ver, corriam ligeiras por entre os grupos com as faces vermelhas de alegria e os cabelos fugindo-lhe com o vento. O sorriso de prazer tornava-as mais bonitas, e a sua vivacidade transmitia-se á multidão.

A gente saía, a gente entrava, tomada de vertigem, desvaída. «Adeus! Depois te escrevo», e corriam trepeçando escada acima.

Aqueles que, tendo chegado mais cedo, já tinham arrumado a bagagem, estavam debruçados na amurada e sorriam á barafunda do cais com um ar de benevolencia trocista. Tardava, pouco tempo antes, também participavam da mesma perturbação. Contraste extraordinario. Parecia que só agora pensavam. Era como se os que ainda não tinham subido á escada de bordo, fossem agitados por forças incompreensíveis e todos os seus gestos se meclanizassem, absorvidos pelos obstaculos, manobrados pela inerência dos que não partiam.

Era como se a alma dos que ainda estavam no cais se tivesse ausentado para o navio, e o

corpo, inquieto, apreensivo, a desejasse ardentemente.

* * *

A sereia apitou pela ultima vez; levantaram a escada e o navio começou a deslocar-se.

No cais, a multidão apinhada, movia-se, deslocando-se num movimento unico. As sereias dos rebocadores rompiam os dizeres agitados: «Adeus! Boa viagem».

E o navio afastava-se do cais. Ao principio, a avó estava lá; ainda se via a sua figura pequenina, á frente da multidão. Depois desapareceu, esconden-se. Eram de todos, as mãos que nos diziam adeus. Em breve no cais branco, ficou um muro largo acinzentado, enquanto o talhe da prôa cortava as águas brilhantes e outros navios—mastro, chaminés e velas inclinadas—subiam e deixavam o Tejo, vogando para destino certo, entrepondo-se entre mim e o cais, a que me ligavam laços vivos, de que em vão me procurava libertar.

Amos a meio do rio, já a caminho da barra, e desvanecia-nos a impressão da primeira descoberta. Lisboa mostrava-se, áquela hora, esmagada pela luz da tarde intensa, e o panorama ondulado da cidade embranquecia; espectralizava-se ante uma centena de olhares.

As imagens começavam a fixar-se nas máquinas fotograficas. «Lá está o Terreiro do Paço! Lá está a Igreja da Estrela! Olha a Torre de Belem!...» «E os Jeronimos!». Foxavam-se amorosamente os olhos de quasi todos, e também na alma de uma rapariga, que, a meu lado, continuava a sacudir o lenço, distraída, ou levada por qualquer ilusão.

Quem sabe!... Estaria ela a dizer adeus á cidade que nos fugia? Ou a alguém? Talvez estivesse agradecendo ao tempo a ultima imagem de Lisboa que conhecemos partir: o céu azul, o Tejo esverdeado, e a cidade erguendo-se no deslumbramento de uma tarde de verão.

* * *

Debalde procuro descobrir a razão que não me deixava sentir a alegria que transparecia á minha volta. Não percebo; todavia, também os imitei, também olhei para o Torre de Belem, para um moinho das colinas de Carcavelos, e para as encostas, remendadas com os restos de searas das colinas da Outra-Banda. Era mentira tudo. Eu queria estar escondido para olhar o mar. Nada ia comigo na minha alma. Duro, seco, o coração ansiava por ausentar-se para onde pudesse bater livremente, sem peias, fora do meu peito. Uma barca singrava, vagarosa, Tejo abaixo, quando o navio a alcançou. As gaivotas davam voltas em redor da vela grande, e os pescadores desejaram-nos boa viagem.

Eu tristecia; estava só, sem amizade; só, sem a saudade da Terra, que então era já linha de areia e as serras escuras lá de Sintra. Desajava sim, o Mar: um mar infinito que me saciasse da sede inesgotável que dele tenho, um mar onde eu naufragasse á vista da Terra renovada.

* * *

Que diferença do que eu era há oito dias. Então via tristemente o que siato agora com entusiasmo invencível. Lentamente, um navio sulcava as águas serenas do Tejo. Para lá do areal da Caparica, coberto de pinheiros e de acácias, estava o Mar.

RUY CINATTI